

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA  
CAMPUS SANTA INÊS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E PEDAGOGIA  
CURSO DE PEDAGOGIA

**ANA PATRÍCIA REIS SONDRÉ  
JULCIELE DE SOUZA DOS SANTOS**

**CONTANDO HISTÓRIAS E FORMANDO LEITORES LITERÁRIOS NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Santa Inês – MA  
2024

**ANA PATRICIA REIS SODRÉ  
JULCIELE DE SOUZA DOS SANTOS**

**CONTANDO HISTÓRIA E FORMANDO LEITORES LITERÁRIOS NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Pedagogia da Universidade  
Estadual do Maranhão para o grau de  
licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ma. Mirian Santos Chagas  
de Sousa.

Santa Inês  
2024

Sodré, Ana Patrícia Reis.

Contando histórias e formando leitores literários na educação infantil. / Ana Patrícia Reis Sodré e Julciele de Souza dos Santos – Santa Inês - MA, 2024.

63 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Licenciatura em Pedagogia, Campus de Santa Inês, Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

Orientadora: Profa. Ma. Mirian Santos Chagas de Sousa.

1. Educação Infantil. 2. Contação de história. 3. Leitores literários. I. Título.

CDU: 028.1:372.3

**Elaborado pelo Bibliotecário Márcio André Pereira da Silva - CRB 13/862**

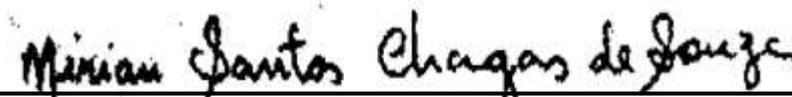
**ANA PATRICIA REIS SODRÉ  
JULCIELE DE SOUSA DOS SANTOS**

**CONTANDO HISTÓRIA E FORMANDO LEITORES LITERÁRIOS NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Pedagogia da Universidade  
Estadual do Maranhão para o grau de  
licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: 01 / 10 / 2024

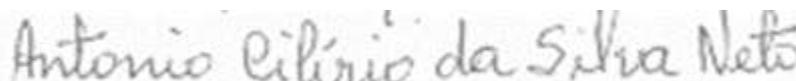
BANCA EXAMINADORA



---

**Profa. Ma. Mirian Santos Chagas de Sousa (Orientadora)**

Mestre em Literatura e Crítica Literária  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



---

1º Examinador (a)

Universidade Estadual do Maranhão



---

2º Examinador (a)

Universidade Estadual do Maranhão

Dedicamos a Deus, “Porque dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas.” (Romanos 11: 36). Por ter nos concedido a graça de termos concluído esse trabalho, pelos momentos que pensávamos que nós não iríamos conseguir e Ele nos sustentou.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me concedido sabedoria, conhecimento, força e perseverança para concluir esse trabalho e concretizar meu sonho. Nos momentos de dificuldade, ansiedade, onde pensava que não iria conseguir terminar, foi Deus que me fortaleceu para poder prosseguir nos meus objetivos que precisava alcançar, e se hoje conseguir concretizar, à Ele toda honra e glória.

A minha família, por sempre estar ao meu lado me apoiando nos momentos que pensava em desistir e compreendendo os momentos de ausência; em especial a minha mãe que sempre acreditou que esse sonho seria possível e sempre me encorajava a avançar nas minhas metas para poder realizar o meu sonho. Suas orações foram fundamentais na minha vida e foi a fórmula para eu vencer cada barreiras que eu enfrentei durante a minha trajetória na (UEMA) e se hoje eu venci, ela faz parte dessa conquista.

A minha amiga de pesquisa Julciele que participou de cada etapa desse trabalho, juntas vivenciamos os momentos bons e ruins que era necessário passarmos, sua colaboração foi fundamental.

A nossa orientadora que nos ajudou com suas orientações nos norteado como deveríamos prosseguir a cada etapa que pensávamos que não iríamos conseguir, mas suas orientações foram como uma bússola nessa trajetória.

Ana Patrícia Reis Sodré

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gratidão a Deus pela minha vida e por estar sempre me guiando nessa caminhada de estudo, me dando coragem, discernimento, saúde. Vencendo meus medos e assim dando meu melhor. “Deus é maravilhoso e é bom o tempo todo.”

Agradecer a minha família, que me incentivaram e me apoiaram sempre. Sou muito grata pelo amor e apoio incondicional.

Agradecer a Dona Tereza Cristina que acreditou e me ajudou muito no início do meu sonho de se tornar possível e de hoje estar concretizando.

A Universidade Estadual do Maranhão que possibilitou muitas conhecimentos e aprendizagem nessa jornada acadêmica, que foram essenciais e lições que vou levar para minha vida pessoal como profissional.

A minha amiga Ana Patrícia pela parceria na elaboração e na trajetória da pesquisa sua colaboração foi essencial, enfrentamos momentos de muita dedicação e desafios ao decorrer da caminhada de estudo que foi necessária para conclusão.

A amigos que direta ou indiretamente me ajudaram com palavras, atitudes nessa caminhada que as vezes foi difícil ao decorrer do caminho pois houve desafios. Mas com o apoio e fé em Deus conseguir ultrapassar.

Agradecer a nossa orientadora Miriam pelas suas orientações sempre nos dando suporte e nos conduzindo para o êxito do nosso projeto sempre da melhor forma possível.

Julciele de Souza dos Santos

Assim, conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a história viva; para me sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar espírito; resgatar significados para nossa existência e reavivar o sagrado.

Cléo Bussato

## RESUMO

Este estudo tem por objetivo investigar como a contação de histórias promove a formação do leitor literário, visando propor trocas de experiências na Educação Infantil. Parte do pressuposto de que a contação de histórias é uma arte milenar de intermediar narrativas através da voz, que passa de pessoa para pessoa resultando em formação de experiências literárias. Fundamenta-se nos estudos de Bedran (2012), Benjamin (2012), Busatto (2013), Colomer (2007), Dohme (2013), Tierno (2010), dentre outros. A pesquisa empreendeu os procedimentos metodológicos bibliográfico e de campo tendo como universo a Creche Municipal Nazaré Barros, localizada na cidade de Santa Inês. Aborda a arte de contar histórias desde sua origem, os saberes e técnicas utilizadas pelos contadores e o seu emprego na Educação Infantil como instrumento de formação do leitor literário. Descrevendo os materiais e métodos empregados na realização da pesquisa. Apresenta os resultados e discussões, entre a realizada na Creche campo. O principal resultado da pesquisa é que a contação de histórias permeia ao longo do tempo com a finalidade de formação humana, cujo processo ocorre através do desenvolvimento do imaginário, da consonância da narrativa e da criatividade e, por conseguinte, a formação do leitor literário.

**Palavra-chave:** Educação infantil; Contação de história; Leitores literários

## ABSTRAC

This study aims to investigate how storytelling promotes the formation of the literary reader, aiming to propose exchanges of experiences in Early Childhood Education. It is based on the assumption that storytelling is an ancient art of intermediating narratives through the voice, which passes from person to person, resulting in the formation of literary experiences. It is based on the studies of Bedran (2012), Benjamin (2012), Busatto (2013), Colomer (2007), Dohme (2013), Tierno (2010), among others. The research undertook the bibliographic and field methodological procedures having as universe the Nazaré Barros Municipal Nursery, located in the city of Santa Inês. It addresses the art of storytelling from its origin, the knowledge and techniques used by storytellers and its use in Early Childhood Education as an instrument for the formation of the literary reader. Describing the materials and methods used in carrying out the research. It presents the results and discussions, between the one held in the Nursery field. The main result of the research is that storytelling permeates over time with the purpose of human formation, whose process occurs through the development of the imaginary, the consonance of the narrative and creativity and, consequently, the formation of the literary reader.

**Keyword:** Early childhood education; Storytelling; Literary readers

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 Evolução histórica.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2 Narradores tradicionais e contemporâneos: saberes e técnicas .....</b>	<b>19</b>
<b>3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>24</b>
<b>3.1 Formando leitores literários .....</b>	<b>25</b>
<b>3.2 Indicadores para o sucesso na contação de histórias.....</b>	<b>27</b>
<b>4 MATERIAL E MÉTODOS .....</b>	<b>30</b>
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>31</b>
<b>5. 1 Caracterização do universo pesquisado .....</b>	<b>31</b>
<b>5.2 Visão dos docentes .....</b>	<b>32</b>
<b>5.3 Compartilhando histórias e formando leitores literários: experiências vivenciadas na Creche Municipal Nazaré Barros .....</b>	<b>41</b>
<b>5.3.1 Observações exploratórias.....</b>	<b>41</b>
<b>5.3.2 Histórias contadas.....</b>	<b>43</b>
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>59</b>
<b>APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS PROFESSORES .....</b>	<b>61</b>
<b>APENDICE B- FICHA PARA RECONHECIMENTO DE CAMPO DO PROJETO... </b>	<b>62</b>

## 1 INTRODUÇÃO

### CONTANDO HISTÓRIA E FORMANDO LEITORES LITERÁRIOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Os estudos acadêmicos acerca da contação de histórias têm aumentado nos últimos anos, na maioria, o interesse recai na sua relevância na Educação Infantil. Esta pesquisa acompanha esse mesmo caminho, porém o enfoque incide na problemática de como a contação de histórias pode contribuir para a formação literária na infância. Parte-se do pressuposto de que o ato de contar histórias traz na sua gênese o intercâmbio das narrativas pela voz e que a sua prática é um capital cultural que alimenta a formação de experiências literárias. Porém no âmbito educacional precisa fazer parte da rotina do ensino.

A motivação deste estudo advém de duas razões. A primeira foi o fascínio por ouvir histórias nas vozes dos avós, pais e professores. Mas foi na Academia que as histórias internalizadas na memória ressurgiram na condição de contadora principiante nas aulas simuladas da disciplina de Didática e, posteriormente, na oficina “cantinho de leitura” atividade de encerramento da disciplina Literatura Infância Juvenil e no projeto de extensão “hora do conto”. Tais experiências nos proporcionou a observação de que, as práticas de contação de histórias, quando empregadas, cotidianamente, contribui para o desenvolvimento do imaginário, da criatividade e na fluência da leitura.

O segundo ponto que impactou na escolha por este estudo foi a problemática do nível de leitura no país. Os últimos indicadores da leitura no Brasil assinalam a necessidade do reordenamento da Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE). Os dados divulgados pela 4ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, desenvolvida pelo Instituto Pró-Livro, Itaú Cultural e IBOPE Inteligência, em 2019, revelam que o brasileiro tem uma média anual de 4,96 livros lidos por habitantes e que cerca de 40% têm dificuldades de leitura. Não obstante, o Sistema Nacional de Avaliação-SAEB 2021 apresenta o diagnóstico de que, o nível de fluência na leitura e na escrita, teve queda em todos os níveis de ensino. Logo, precisa-se urgentemente melhorar os indicadores nacionais da leitura, caso contrário teremos mais uma década perdida.

Assim, dada a observação da potencialidade da contação de histórias na formação humana desde a antiguidade e do problema contemporâneo brasileiro dos baixos índices na leitura escolheu-se o título “*contando história e formando leitores literários na educação infantil*” com o objetivo geral de investigar como a contação de histórias promove a formação do leitor, visando propor trocas de experiências na Educação Infantil. Os

objetivos específicos foram; analisar os fundamentos da contação de histórias e a sua contribuição para a formação do leitor literário; examinar como a contação de história é planejada e aplicada na Educação Infantil e desenvolver contação de histórias na prática escolar, visando sugerir intercâmbio de experiências e formar leitores literário.

O estudo bebe na fonte de vários estudiosos tais como: Cléo Busatto (2013), Bia Brendan (2012), Giuliano Tierno (2010), Regina Zilberman (2005), Sandra de Melo Silva (2022), Tereza Colomer (2007), dentre outros os quais transitam na vivência da pesquisa de campo ao confabulamos os saberes e as práticas de contação de histórias com professores e crianças da Creche Municipal Nazaré Barros. Vale ressaltar que, contar histórias não existe segredo, cada pessoa conta do seu jeito e apresentam de várias maneiras: lidas, dramatizadas, cantadas, filmadas etc.

Na organização, além da introdução, o trabalho está dividido em três partes: o referencial teórico, o material e métodos e os resultados e discussões. No âmbito teórico, a pesquisa envolve um estudo bibliográfico o qual compreende as análises da arte de contar histórias e a contação histórias na Educação Infantil. A primeira aborda os postulados da arte de contar história à luz da cultura oral e da cultura escrita, cujo prognóstico aponta que há um fortuito intercâmbio entre as narrativas orais e escritas, bem como a preservação do seu modo de transmissão e finalidade. Na sequência, aprofunda-se a investigação para o campo dos saberes e as técnicas dos contadores tradicionais e dos contadores contemporâneos. Nesse contexto, está presente a figura do professor contador, cujos saberes integram-se aos pedagógicos os quais poderão atuar em prol da formação do leitor literário.

Na segunda, na análise da contação de histórias na Educação Infantil, o interesse recai de como as narrativas contadas promove a formação do leitor literário. Nesta etapa de estudo, analisa-se os debates acerca do ensino da literatura sob a perspectiva da formação do literário, cuja leitura das obras vão além do ensino da linguagem. Desse modo, a contação de histórias na infância contribui para que a criança comece a fixar as bases da sua educação literária, razão sobre a qual o professor contador apropriar-se de técnicas e saberes para que esse momento seja atrativo ao leitor ouvinte.

Na parte do material e métodos, apresentamos os procedimentos adotados para a concretização desta pesquisa e, em seguida, os resultados e discussões. Trata-se de uma análise descritiva das coletas de dados coletados os quais subsidiaram as trocas de experiências entre os pesquisadores e pesquisados acerca da contação de histórias.

Por último, na conclusão, retomar-se as preposições trilhadas na construção da pesquisa e infere que a contação histórias tem como finalidade a formação humana, cujo processo navega

no imaginário, na formação da consciência da narrativa e na criatividade. Desse modo a formação literária ocorre pelo acúmulo de experiências.

## **2 A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA**

O ato de contar história sempre esteve presente na civilização, sendo um dos principais instrumentos de formação humana. Considerando-se o potencial educativo dessa tradição pretende-se, neste estudo, aprofundar sobre o ato de contar história como meio para atrair o ouvinte ao mundo das narrativas de forma prazerosa, visando à formação do leitor literário. Nesta sessão faremos uma breve análise da arte de contar história sob o ponto de vista histórico no contexto das culturas oral e escrita.

Num primeiro momento, a análise remete a passagem do ato de contar histórias que ocorria em volta da fogueira, cujo principal instrumento era a voz e o corpo é incorporada ao livro. Na sequência, veremos como deram-se as discussões da arte de contar histórias no contexto da modernidade e de como ela permanece viva até hoje, sem desconstruir a sua finalidade e o elo com a ancestralidade.

Num segundo momento, analisa-se os saberes e as técnicas dos contadores tradicionais e dos contadores contemporâneos. A premissa básica é de que, embora a arte de contar histórias tenha incorporado recursos e outras novidades do mundo tecnológico ainda permanece vivo o elo com os contadores ancestrais.

Por fim, retoma-se a finalidade da contação de histórias e relacionando ao contexto educacional na figura do professor contador. Observa-se que a contação de histórias faz a ponte com o educativo, atendendo os propósitos da formação literária e, conseqüentemente, o desenvolvimento do imaginário e da criatividade.

### **2.1 Evolução histórica**

A arte de contar história provém da ancestralidade e permanece viva, graças aos contadores anônimos que, através da comunicação oral, transmitiram os seus saberes as futuras gerações. Porém, atualmente, essa arte milenar incorpora novos saberes e recursos, sem perder a sua ligação com a tradição.

Neste estudo, o interesse recai no questionamento de como a arte de contar histórias contribui para a formação de leitores literários. Conforme já dito, percorremos num primeiro

momento, a análise da arte de contar histórias nas culturas orais e escrita. E no contexto da modernidade, cuja discussão implica na provável perda da arte de contar histórias em virtude das alterações das atividades artesanais. Por último, remeteremos ao contexto atual, especificamente, acerca do propósito da contação de histórias.

No âmbito da análise da arte de contar histórias nas culturas orais e escrita, observa-se que, a princípio, essa arte constituía uma das formas de confraternização de pessoas sentadas em volta da fogueira, contando seus “causos” e descobertas e, com isso, promoviam momentos alegres, capazes de vencer o tédio. Portanto, em sua gênese, a arte de contar histórias surge como uma forma de fruição, ou seja, uma ação prazerosa de transmitir os valores, costumes e os saberes e experiências oriundos da vida em comunidade, cujo principal instrumento era a voz e o corpo. Com o advento da escrita, as narrativas orais, passam aos livros alterando-se assim as maneiras de apropriação da cultura. Assim, o que outrora era, predominantemente, auditivo, cede a visão e, por conseguinte, o público de ouvintes passam a ser também o de leitores, cuja apropriação dos saberes requer o domínio do código escrito. Nesse sentido, a arte de contar histórias, no mundo contemporâneo transforma-se também num instrumento o qual contribui na apropriação da leitura e da escrita. Nesse processo está a apropriação da literatura livro.

Segundo Ong (1988), historicamente, a cultura oral tem estreita relação com a cultura escrita, apesar de existir distinções. Na cultura oral, vigora a palavra a qual seria mais auditivo do que subordinativo, ou seja, a construção do pensamento ocorria inteiramente pela voz e ouvido. Com efeito, conserva a técnica mnemônica, cuja repetição torna-se um processo imprescindível para fixação do narrado na memória.

[...] em culturas manuscritas altamente orais, a verbalização que se encontrava até mesmo em textos escritos conservava a padronização mnemônica que levava à | recordação imediata. [...] os leitores comumente vocalizavam, liam lentamente em voz alta ou solto você mesmo quando sozinhos, e isso também auxiliava a fixar o material na memória. (Ong, 1988, p.138).

Como se pode observar, a escrita inaugura o advento da oralidade secundária e, por conseguinte, as suas diversas facetas: o telefone, o rádio, a televisão, a internet, a tecnologia eletrônica, entre outras. Porém, a sua gênese encontra-se na oralidade primária. Nesse sentido, a contação de histórias seria agregativa, o está junto com o outro, donde haver uma relação de cumplicidade entre narrador e ouvinte. E esse processo, ao que indica, permanece nas narrativas escrita com o pensamento mais exigente demandando uma organização da linguagem.

Conforme Stocker (2022) é, justamente, com o advento da escrita que as narrativas adquirem “refinamentos” na transmissão, pois exige a figura do sujeito letrado, aquele que

domina as letras. Infere-se, portanto, que a arte de contar histórias transita do oral para o escrito, razão sobre a qual, atualmente, ser uma ferramenta para despertar o prazer pela leitura.

Vale esclarecer também que a oralidade não despreza a escrita, mas uma forma enriquece e complementa a outra. A história narrada oralmente pode ser lida, dramatizada, ilustrada, filmada, ou seja, representada de várias maneiras que dialogam com as inúmeras linguagens culturais. Quanto mais formas são dadas ao lido, mais capacidade de interpretação e compreensão pode ser alcançada pelos leitores. (Stocker, 2022, p.17).

Assim, do ponto de vista histórico, a arte de contar histórias adquire maior relevo na Grécia antiga e no Império Árabe por meio das famosas histórias presentes na obra “*As mil e uma noite*”, contada por Sherazade. Noite, após noite, Sherazade, deixava em suspenso o que viria a acontecer no enredo de sua narrativa, salvou-se da morte a que estava fadada ao casar-se com o Sultão Shahriar. Este, passadas as mil e uma noites, acabou por suspender a ordem cruel de matar todas as suas esposas ao amanhecer, apaixonado que estava pela envolvente narradora.

A origem da história “*As mil e uma noite*”, até hoje é conflitante, pois trata-se de uma história produzida dentro de outra história que, possivelmente, vieram de Constantinopla ou da Índia (Busatto 2013). Como se pode observar, as narrativas têm nas suas origens a tradição oral e permanecem vivas na circularidade escrita e depois devolvidas para oralidade. Nesse sentido, Calvino (1990) ao pesquisar sobre as fábulas italianas oriundas da tradição oral revela que herdamos dela os critérios de funcionalidade, como negligência aos detalhes inúteis, porém insiste nas repetições quando as histórias apresentam vários obstáculos a superar.

Na Idade Média, o contador de história era bem-vindo e respeitado em toda parte. Os trovadores desempenhavam a função dos guardiões da memória obtinham passaporte quando outros indivíduos não podiam obtê-lo. Cantando, recitando, declamando, iam de palácio em palácio, de aldeia contando as histórias de gosto tão popular na época. A partir de então, as narrativas orais percorreram o mundo, nas figuras dos contadores tradicionais anônimos, cujo legado é coletado e transmitido para o escrito. De acordo com Busatto (2003, p.23-24):

Os contos de fadas tomaram conta da Europa a partir do século XII e foram registrados por alguns ilustres conhecidos, como o francês Charles Perrault (1628-1703), que reuniu contos da tradição oral e editou um livro intitulado *Contos da mãe gansa*. Na Alemanha os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, conhecidos como os Irmãos Grimm, publicaram os contos colhidos da boca do povo, principalmente de uma camponesa chamada Katherina Wieckmann. A maior parte dos contos que fazem parte do primeiro livro da dupla, *Contos para crianças e para o lar*, foram contados por ela.

De modo geral, a arte de contar histórias movimenta-se do oral para a escrita sem perder a sua essência de alimentar o imaginário e a criatividade. Carrega consigo a forma artesanal de

narrar e representa uma das formas de expressão artística mais democráticas de transmissão cultural e praticada no seio das comunidades.

No que diz respeito da prática da contação de histórias no contexto da modernidade, note-se que, até o final do século XIX, os serões de contos eram frequentes nas comunidades de trabalho, no meio rural e nos seios das famílias. Contudo, por volta do século XX, a prática tradicional de contar histórias apresenta risco de desaparecer, haja vista que o narrador, cuja experiência passa de boca em boca, está em vias de extinção. Conforme Benjamin (2012, p. 213), “é a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”. Para o autor, há dois grupos de narradores: o camponês sedentário que não saiu do seu país e conhece suas histórias e tradições, e o marinheiro comerciante, migrante, oriundo de terras longínquas. No sistema corporativo medieval unia o mestre sedentário e os aprendizes migrantes na mesma oficina. Para Benjamin (2012) é a arte de narrar, que floresceu num meio de artesanato, que está correndo de desaparecer.

Todavia, para alguns pesquisadores, a extinção da contação de histórias procede em parte. Segundo Bedran (2012), quando Benjamin anuncia o fim da narrativa, em 1936, existe todo um contexto, como a degradação da experiência humana, por conta das transformações ocorridas na imagem no mundo exterior e no mundo ético. Para Benjamin (2012), a arte de contar histórias não é produto exclusivo da voz, mas de uma prática artesanal a qual demanda três condições fundamentais para que ela ocorra. A primeira é a experiência transmitida pelo relato que deve ser comum ao narrador e ao ouvinte. O segundo é o ritmo artesanal o qual tinha no ofício as relações entrelaçadas entre mão, voz, gesto e palavra. E a terceira condição é a existência da memória e uma tradição comuns entre narrador e ouvinte, inserindo-os num fluxo narrativo comum e vivo. Quando esse fluxo se esgota é porque as memórias comuns já não existem.

No mundo contemporâneo, há indício de que a técnica trouxe a distância entre as gerações e as narrativas que se dava na forma de relato artesanal. A consequência disso, foi a eliminação da existência de uma memória coletiva e o surgimento de um indivíduo solitário, cujo fluxo narrativo comum se esgota. De acordo com Stocker (2022), na Europa, após a primeira guerra mundial, a arte de contar histórias foi perdendo forças e desaparecendo. Esse fenômeno foi se espalhando como no Oriente Médio e na América do Sul. Com a chegada da televisão, no final dos anos de 1960, esse desaparecimento foi estendendo nos interiores, e consequentemente pelo mundo.

A retomada da arte de contar histórias surge nos anos de 1980 na figura do narrador contemporâneo em diversos espaços. Conforme Bedran (2012, p. 43-44), “a partir dos anos

de 1980 na figura do contador de histórias urbano e contemporâneo, que espalha em diversos campo da sociedade, levando as narrações para escolas, bibliotecas, teatros, praças, seminários, congresso ligados à área da educação [...]”. Porquanto, o contador de histórias que residiam nas comunidades artesanais de outrora, compartilha suas experiências e adquiriu novos saberes, mas mantém o elo com os seus antepassados.

[...] hoje em dia quem conta, conta sabendo, ou pelo menos se pretende assim, e se não sabe contar, corre atrás, faz curso, se informa, se forma, e aprende contando. As buscas multiplicaram-se, e a troca de experiências se configura como condição inerente à narração oral de histórias, pois o ato de narrar em si já é uma experiência compartilhada. (Busatto, 2013, p. 27).

Como se pode observar, o contador ressurgiu em duas dimensões: aquele que possui o dom de narrar e aquele que adquire esses saberes através de cursos de formação. No âmbito da educação, a figura do professor contador ganhou relevo nos últimos anos do século XX. Dada a obrigatoriedade da Educação Infantil e das orientações pedagógicas pautadas nas interações e brincadeiras, vários professores buscam cursos de formação e aperfeiçoamento de contação de histórias.

No contexto das inovações tecnológicas, a arte de narrar incorpora novos recursos tais como: CDs, CD-ROM, DVDs e está também presente nas redes sociais. O YouTube, Facebook, Instagram são os meios que mais propagam a arte de contar histórias. Nesse contexto, há de se levar em conta a presença de contadores profissionais e os amadores, ou seja, os que iniciam suas experiências apostando nas curtidas e, com incentivos irem se aperfeiçoando. De todo modo, há de reconhecer que a contação de histórias ainda sobrevive.

Vive-se os rompantes da pós-modernidade, como a fragmentação, simultaneidade de ações, e assume-se o paradoxo da virtualidade, condição de estar em todos os lugares e não estar em parte alguma. Assume-se também a rapidez com que se processam as informações: um clique e a mensagem já está do outro lado, na maioria das vezes nem bem-decifrada, nem bem-elaborada. As mensagens passam a ter outro sentido, porque elas não têm mais o tempo de se assimilarem dentro de nós, para que possamos sentir a sua repercussão e a ressonância, como seria natural. Apesar disso tudo, se corre atrás de sentido para as coisas. (Busatto, 2013, p. 10).

É justamente em razão de buscarmos sentido para as coisas que ressignificamos a contação de histórias nos diversos espaços e integra-se aos movimentos artísticos, aos trabalhos pedagógicos e de entretenimento, com as mais variadas formas de apresentação tais como: nas formas lidas, contadas, cantadas, dramatizadas, dentre outras.

Por fim, sem perder de vista a contribuição da arte de contar histórias na formação de leitores, faz-se necessário elevarmos a trajetória histórica de sobrevivência dessa arte que, fundada na tradição oral, precisou na literatura escrita e que hoje transita nas novas, novas ferramentas

tecnológicas, inclusive nas redes sociais da internet. Trata-se de olharmos ao contexto de que, o ato de contar história, traz a humanização como objetivo. Em sentido amplo, a humanização é entendida como ser benévolo, solidário, prudente e, conseqüentemente dotado de experiências, de sabedoria.

Tierno (2010) afirma que contar histórias é humanizante e humanizador. Humanizante, porque possibilita a interação entre pessoas entrelaçadas por um motivo, razão ou propósito. Isso ocorre em virtude do enredo e outros elementos presentes nas narrativas. É humanizador, porque no exercício da convivência nos torna objeto virtuoso da propria narração, ou seja, introjetamos conteúdo moral, ético, social, enfim uma visão de mundo que levamos conosco para novas experiências.

Para Busatto (2013, p.12) a contação de história é “um instrumental capaz de servir como ponte para ligar diferentes dimensões e conspirar para a recuperação de significados que tornam as pessoas mais humanas, íntegras, solidárias, tolerantes, dotadas de compaixão”. Nesse sentido, contar histórias é um instrumento, um meio utilizado para formar pessoas, humanizá-la. Com efeito, “as histórias possuem um dom especial de fazer com que as forças maiores do amor, da perseverança e da generosidade sejam continuamente invocadas a se fazerem presentes no mundo” (Estés, 1998, p.9, *apud* Bedran, 2012, p.47). Porquanto, o relato de uma história traz em si um espírito mágico e espiritual capaz de nos tirar feridas e tirar do caos.

Nessa trilha seguiram os narradores ancestrais como: griot para os africanos, bardos para os celtas, rapsodo para os gregos e hoje germinam na figura dos contadores contemporâneos, cujos saberes e técnicas são fontes degustadas no movimento de aprendizagens incessantes entre narradores e ouvintes.

Portanto, no contexto educacional, muito embora a contação de histórias seja vista sobre ótica do pragmatismo no ensino da apropriação da linguagem, não podemos negligência da finalidade humanizadora da arte de contar história. Nesse processo a formação literária está para além do domínio da linguagem. É na própria arte contar que está a contenção das técnicas e saberes incorporados pelos contadores e absorvidas pelos ouvintes.

## **2.2 Contadores tradicionais e contemporâneos: saberes e técnicas**

Ao longo do tempo, a contação de histórias desempenha várias funções, entre as quais a de informar, aconselhar, valorizar e difundir tradições. Nos povos antigos, a contação de histórias ocorria envolta do fogo e, para algumas culturas, era um momento de divertimento e

também sagrado, tendo a função do poder de cura. Na cultura grega era propagadora dos mitos e na Idade Média era divulgadora da fé cristã.

No mundo contemporâneo, a arte de contar histórias desempenha é tida como fruição que educa. Ao lado da tecnologia, os contadores de histórias apresentam-se em vários espaços: hospitais, shopping, livrarias, escolas, entre outros. Com efeito, herda o valor da escuta da palavra e vincula-se a transmissão da experiência, da memória e do compartilhamento de conhecimentos. Conforme Bedran (2012), a arte de narrar foi herdada do narrador tradicional, cujos saberes são oriundos da cultura oral.

Considero o contador de histórias o detentor de uma arte não exclusiva ao mundo dos artistas profissionais. [...] a arte de narrar faz parte de sua própria história no mundo e traz imbricados os conceitos de ancestralidade e contemporaneidade. Sempre haverá, portanto, encantamento quando alguém conta ou canta uma história, seja esta pessoa letrada ou iletrada. A arte narrativa se manifesta tanto no contador tradicional, cujas histórias foram criadas e recriadas ao longo do tempo através da narração de sua experiência e de sua memória, quanto no contador contemporâneo que se instrumentaliza através da pesquisa e da leitura e a insere na prática pedagógica. (Bedran, 2012, p.151).

Como se pode observar, o contador de histórias carrega consigo os saberes e as técnicas na transmissão do legado cultural da humanidade, porém seus estudos são recentes. De acordo com Café (2020), durante muitos anos a arte de contar histórias ocupava poucos espaços. Foi apenas em 1980 que, em vários países, surge movimento em prol da recuperação da arte de contar histórias por meio de cursos de formação.

Nos dias atuais, encontramos uma multiplicidade de contadores de histórias que empregam técnicas e estéticas variadas, atendendo a objetivos, espaços e públicos distintos. Alguns deles são reconhecidos, naturalmente, por sua comunidade, aprendendo o ofício no cotidiano da vida, com seus ancestrais, pela observação, repetição e recriação. Esses narradores vêm se perpetuando e, ao mesmo tempo, ressignificando a arte de contar histórias, de acordo com as transformações de seu tempo e de sua cultura. (Café, 2020, p.12).

Note-se que a contação de histórias incorpora novas saberes, porém não perdem o elo com a ancestralidade. Contudo, convém investigar quais os fundamentos que o contador contemporâneo incorpora para saber contar. Embora, cada contador tenha o seu repertório e estilo, existem alguns princípios que compõe a arte de narrar desde os contadores antigos, também denominados contadores tradicionais. Mas como os contadores tradicionais incorporam a arte de narrar?

Primeiramente, os contadores tradicionais adquiriram o dom de narrar em convivência com a figura do contador experiente da comunidade. Eles dominam saberes mnemônico voltado para as repetições orais. São saberes moldados para a retenção e a rápida recordação, culminado

assim, numa expressão fixas que circulam da boca ao ouvido. Portanto, retém a informação por meio do oral e não lança a mão da cultura letrada.

Segundo Busatto, (2013, p.19), o contador tradicional “é um comunicador que adquiriu o dom de narrar influenciado pelo meio que habita, transformando-se na memória coletiva da sua comunidade e transmitindo, por meio de contos, lendas, mitos, as raízes culturais de seu povo”. Note-se que os contadores tradicionais representam os guardiões da memória e compartilham os saberes com os ouvintes através da arte de narrar, cuja relação opera pela cumplicidade. Assim, o ouvinte não apenas memoriza as histórias, como também aprende as técnicas e os saberes de transmissão.

Em segundo lugar, os contadores tradicionais empregam a voz e o corpo. Para Zumthor (2005), na oralidade pura, essa formação opera pela voz, enquanto na oralidade secundária opera pela escritura. Em ambos os casos a voz e corpo vivem juntas, de maneira que “[...] a voz emana do corpo, mas sem corpo a voz não é nada” (Zumthor, 2005, p. 9). Logo, essa relação harmoniosa desdobra-se nos movimentos de gestos, de palavras, de sons e de imagens no narrado. Adentramos aqui na performance, que na narrativa oral utiliza da voz viva necessariamente ligada ao corpo.

Conforme Busatto (2013, p.25), na narração oral a performance revela-se no ato “coletivo e interativo, em que emissor e receptor entram em consonância no momento presente, envolvidos por sons e silêncios, movimentos e quietudes, num pulsar de afetos que transcendem o espaço físico onde ocorre a ação.” Nesse sentido, a performance revela-se ao vivo, ou seja, no momento em que o contador e o ouvinte estão envolvidos pela cumplicidade.

O ato de contar histórias envolve um saber performático a qual utiliza a comunicação poética composta pelo texto, ritmo, intenções. Para Zumthor (2005, p. 87) “[...] A performance é uma realização poética plena: as palavras nela são tomadas num único conjunto gestual, sonoro, circunstancial tão coerente (em princípio) que, mesmo se distinguem mal palavras e frases, esse conjunto como tal sentido.” Portanto, voz e corpo conferem autoridade, uma tradição poética, que realça em nós um ato sublime de intercambiar experiências.

Busatto (2013), investigou como atua o contador tradicional no mundo contemporâneo. Os resultados da pesquisa apontam que os traços performáticos surgem no momento da contação. Através da voz e corpo esses contadores dispensam acessórios e abusam da simplicidade. A narração ocorre de forma veloz, similar aos povos antigos, que não dava descanso ao ouvido. As alternâncias das gargalhadas, caretas, semblantes sérios, gesticulações com as mãos, os sons, as imitações ocorrem de maneira equilibrada. Junta-se a isso a degustação da história, que ao seu final, sempre vem o pedido “conta de novo”.

Atualmente, o contador tradicional e o contador contemporâneo convivem no mesmo espaço. Uma das particularidades desse último, é transformar a narração oral em um discurso, um momento de recriação simbólica e estética, que vai ganhando sentido com a troca por meio de uma relação direta entre o artista (aquele que conta) e o ouvinte (aquele que recebe a narrativa). Além disso, em sua arte de contar eles apresentam sofisticação e domínio das técnicas vocais e corporais.

De acordo com Matos, (2014, p.1) “os contadores de histórias são guardiões de tesouro feitos de palavras, que ensinam a compreender o mundo e a si mesmos. Eles semeiam sonhos e esperanças. São carinhosamente chamados de “gente das maravilhas” pelos árabes”. Logo, o contador tradicional tem uma técnica particular de convocar imagens e ideias de sua lembrança, misturando-as aos costumes e convicções da sua comunidade. Trata-se uma ação de convivência efetiva com o outro a qual favorece a troca de experiências e sabedoria adquirida ao longo do tempo.

Já os contadores contemporâneos seguem outros caminhos e lida com várias variáveis. A começar pelo público que não é fixo. Muitas das vezes só têm o contato uma vez presente, e que depois, possivelmente não encontrará. Antes de estarem diante de seus ouvintes devem cumprir uma tarefa de construir seu repertório, uma que, não recebeu sua “palavra” como herança cultural fruto de experiência coletiva. Ele não herdou histórias originadas e guardadas na memória do seu grupo, ele não retira da própria memória. “Ele é autor e criador de seu texto, mesmo apropriando-se de um texto antigo, que ele reescreve contato” (Simon,2001, p.292 *apud* Matos, 2014, p.116). Logo, mantém-se no uso da palavra, gestos e performance para atrair os ouvintes.

Os novos contadores recriam a oralidade a partir de uma fonte escrita, e o processo de contar totalmente diferenciada o contador pode encontrar dificuldade, devido alguns contos serem maus escritos, cada contador de histórias tem a responsabilidade de adaptar os contos retirados dos livros, respeitando sua essência, e uma vez que, ele precisa internalizar para poder compartilhar.

Os novos contadores embora imersos na cultura secundárias mantém o elo com os contadores tradicionais. Tomam como responsabilidade e sensibilidade de dar vida a “palavra” que se apagava, trazendo consigo novas formas e ressignificando a forma como contar. Trazem consigo influência dos meios de comunicação que o cerca, tais como a TV, imprensa, rádio, escrita, telefone e internet e agregam em sua narrativa marcas de outras artes, como: o teatro, a poesia, a dança, a mímica e o canto. É um ator um ator que promove encontro com pessoas e compartilham com os seus ouvintes a narrativa e os saberes e a técnica de narrar.

Os contadores de histórias, com seus mais variados jeitos e trajetórias, chegam então para carregar de sentido e enriquecer as impressões de quem vive nesta pós-modernidade e interage com o “paradoxo da virtualidade” citada por Cléo Busatto, trazendo com eles a oportunidade de uma prática social que não somente promove encontro entre as pessoas, mas busca uma dimensão íntima que existe nesta forma artesanal de comunicação e que dialoga com a capacidade imaginativa do indivíduo. (Bedran, 2012, p. 79).

O contemporâneo não faz o uso da improvisação, ele programa, se prepara para sua apresentação e organiza o ambiente. Constrói novamente cenários e obras mediante ao resgate de histórias presentes nos livros ou aprendidas em oficinas, ou seja, ele pesquisa suas histórias frequentemente em suportes bibliográficos e estuda as técnicas para realizar sua função. Em algumas situações faz uso de figurinos que o transforma no personagem-narrador, utiliza alguns recursos tecnológicos e depois aguarda o público entrar para iniciar seu espetáculo. Porém a voz e a performance são um dos saberes que marcam presença e atraem os ouvintes.

Conforme Busatto (2013, p. 32) “a contação de histórias, como performance, é uma linguagem artística multidisciplinar, pois envolve letra feito voz, movimento feito imagem visual, som feito paisagem sonora”. Trata-se do domínio de técnicas corporais e vocais e indicando várias possibilidades para o narrador realizar em sua prática. Assim, ao entrar em cena, o contador é performer, que usa o seu corpo como um objeto da arte, podendo ser transformado em um instrumento para expressar o cenário da história tais como: as imagens dos espaços por onde a narrativa se passam, construir a ação das cenas, as ações das personagens, etc. Donde dizer-se que, cada contador tem à sua maneira de narrar, porém, conforme Benjamin (2012) a fonte a que recorrem todos os narradores são aquelas que passam de pessoas para pessoas.

No âmbito educacional permeia a figura do contador professor, cujo saberes arte da arte de contar funde aos saberes pedagógicos, entre os quais o prazer de ler. Com efeito, esse prazer advém da experiência da construção do imaginário e da criatividade, tal como afirma Bedran (2012, p.151) “o professor contador de histórias promove em seu cotidiano o fazer artístico das crianças, que passam a construir obras criativas a partir da repercussão que as imagens poéticas das narrativas promovem dentro delas.” Porquanto, o conto narrado promove experiência significativa de aprendizagem, pois nela há diversas visões de leituras. Nesse processo, o ouvinte entra num estado de devaneio e engrena na sua imaginação um mundo sonhado e, ao mesmo tempo, liberta do mundo real.

Em síntese, o contador contemporâneo traz na sua essência a arte de narrar herdada do contador ancestral. Entre os saberes e técnicas que persistes é a capacidade de passar histórias criadas e recriadas ao longo do tempo através da sua experiência e de sua memória. O

contador contemporâneo instrumentaliza a sua arte de narrar através de leitura e a insere na prática pedagógica.

### **3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Um dos princípios essenciais do contador de histórias é a sua capacidade de atrair o ouvinte ao mundo da narrativa. Nesse processo, a escuta, a memória, a imaginação são os fundamentos essenciais para se compreender a magia da arte de contar. Mas como é vista a contação de histórias na Educação Infantil?

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), prevê a contação de história como ferramenta pedagógica na Educação Infantil, especificamente, o campo de experiência “escuta, fala, pensamento e imaginação”. A contação de história vai muito além do que se pode imaginar, não é um ato simples sem significado profundo. Porém, para que a contação de história obtenha resultados positivos na vida de uma criança, a figura do contador de história é que faz toda a diferença, esse por sua vez, precisa conhecer os fundamentos da contação de história, os saberes, as técnicas, os recursos para ter sucesso na sua contação de história. Dessa maneira, ele contribuirá para formação de leitores literários.

A presente sessão centra-se não análise de como a contação de histórias está inserida no propósito da formação do leitor literário. Leva-se em conta que, a criança, nas primeiras etapas com o universo escolar, estabelece contato com o mundo através da cultura oral e, a mediada que apreende o código escrito, desenvolve habilidades de ler. A contação de história permeia nesses dois universos, razão sobre a qual ser uma das principais ferramentas empregadas na escola.

Assim, primeiramente, abordamos a formação do leitor literário sob a perspectiva de que é direito, a própria literatura. Nesse caso, a formação do leitor literário surge como proposta a importância de a escrita literária no âmbito das leituras de obras, donde acredita-se que a contação de histórias poderá ser um meio para disseminar o literário por meio da voz e da escuta.

Na sequência assinala-se os indicadores do sucesso da contação de história. Não se trata de um manual, mas alguns apontamentos de técnicas e recursos que podem tornar a contação de histórias mais interessante. Vale lembrar que cada contador constrói o seu estilo e cria constantes inovações nas apresentações. Portanto, ao nomear indicadores de sucesso, pretende-se assinalar que contar histórias envolve atributos que, conforme a narrativa, requer transcrição.

Imagens, ritmo, voz, corpo, recursos físicos e tecnológicas impactam nas apresentações e o sucesso da história sempre envolve uma relação de cumplicidade entre narrador e ouvinte.

### **3.1 Formando leitores literários**

A formação do leitor literário está em alta no trabalho pedagógico escolar e tem causado intensos debates acerca de sua finalidade, haja vista a necessidade de superar o caráter pragmático pedagógico, cuja leituras das obras literárias na escola limita-se ao ensino da linguagem.

Desse modo, enquanto para uma ala é preciso buscar aproximar os estudantes das obras literárias centrando-se na formação de leitores literários, sem desconsiderar a importância de se trabalhar a escrita literária; uma outra ala defende o trabalho da literatura valendo-se das obras literárias para a elaboração de processos de ensino-aprendizagem interdisciplinares ou transdisciplinares, nos quais se constroem diálogos entre obras literárias e diferentes áreas do conhecimento.

Ambas as perspectivas, privilegiam obras literárias no processo ensino-aprendizagem e estão em oposição a tendência da visão pragmática pedagógica que, segundo Palo e Oliveira (2006), tem conduzido a produção de livros de literatura infantil exercendo uma interferência da ação de sua linguagem, servindo-se da força material que palavras e imagens possuem, como signos que são, de atuar sobre a mente daquele que as usa; no caso, a criança. Para as autoras o pragmático pedagógico tem subestimado o potencial da leitura infantil que é capaz de fluir na própria arte literária. Porquanto, “privilegia o uso poético da informação é também pôr em uso uma nova forma de pedagogia que mais aprende do que ensina, atenta a cada modulação que a leitura pode descobrir por entre o traçado do texto.” (Palo e oliveira, 2006, p. 11-12).

Sem fugir da ponte didática, Colomer (2003) postula a formação do leitor a partir da evolução dos estudos da literatura da infantil e juvenil no momento atual. Para a autora, no mercado editorial aumentou o número de produção de obras mais arrojadas requerendo competências leitora que as obras dirigidas a uma outra faixa de idade pressupõem, entre as quais a de cumprir a função cultural “ que se pode dividir em duas vertentes: favorecer sua educação social através de uma narração ordenada da interpretação de mundo e iniciá-la na aprendizagem das competências literárias.” (Colomer, 2003, p. 374). Desse modo, é preciso trilhar novos caminhos para subsidiar o trabalho da literatura infantil a formação do leitor literário.

Ainda segundo Colomer (2003), a formação literária parte do princípio do ler livre, sem desconsiderar a reflexão do que está lendo seguindo as regras do literário, pois elas propiciam o desenvolvimento da potencialidade da própria criança, cuja leitura está além das fronteiras da escola. Nesse universo é preciso navegar entre os livros, pois cada leitura produz novas experiências. Mas como a escola poderá contribuir na formação de leitores literários?

Conforme Colomer (2007), a criança carece de um “capital cultural” acumulado para que as situações de leitura se produzam de forma estável e permanente. A ideia de “capital cultural” pode ser comparando como um leitor aficionado por pesca, tal como postula Privat (2001).

Na representação dominante, o leitor é um pescador. O leitor ler como um pescador que pesca. É solitário, imóvel, silencioso, atento ou medicativo, mais ou menos hábil ou inspirado. Considera-se evidente que o leitor quando lê como pescador é pescador quando pesca, nem mais, nem menos. Aprender a pescar como aprender a ler consiste então em dominar certas técnicas básicas e experimentá-las, progressivamente, em correntes de água ou frotas de textos cada vez mais abundante. [...] em resumo, pesca e leitura longe de serem atos de pura técnica e/ou de pura inatividade individualista – estão cheias de sociabilidade. (Privat, 2001, *apud* Colomer, 2007, p. 51).

Aprender a ler é semelhante à atividade de pesca, cuja iniciação ocorre através de leituras orais. Assim, a criança que ainda não domina a leitura escrita, inicia a leitura literária explorando as figuras sonoras, verbais e visuais ou estabelecendo diálogos entre a imagem — a ilustração — e o texto verbal. Atualmente, a produção de livros para crianças é uma realidade consolidada e, ao ampliar para o processo educativo, estes livros favorecem a ampliação da experiência leitora. Para Colomer (2007, p. 52) é “através dos distintos canais, dos livros infantis e das atividades proporcionadas pelos adultos, que a criança começa a fixar as bases de sua educação literária.” Sendo assim, nas atividades propostas o adulto desenvolve, pedagogicamente, o papel da mediação.

No caso da contação de histórias, o ouvinte criança apreende o literário através da ação do compartilhar. Ao empregar a técnica do mimetismo o contador, de forma imediata, mostra ao ouvinte o objeto de sua fala, através de vários canais simultâneos: palavra, entoação (ritmo), expressão corporal. Essa imagem inclusiva que a mensagem oral cria atua instantaneamente, de modo a proporcionar a troca direta de experiências entre o contador e o ouvinte. “O contador entrega, oferece um texto oral, uma ideia, uma imagem poética, e as pessoas a recebem como se fosse uma bola que é devolvida com reflexão, expressão e criação”. (Bedran, 2012, p.30). Nesse universo permeiam a arte de narrar e o dom de ouvir os quais herdamos da cultura oral.

O incentivo à leitura literária, fica por conta do contato com novos vocábulos, com estratégias de linguagem, haja vista que estrutura início, meio e fim das narrativas auxilia a

criança na elaboração de suas próprias histórias. O leitor-ouvinte começa a ser exposto naturalmente ao mundo ficcional, o que lhe desperta a sensibilidade e a criatividade. Com efeito, torna-se relevante ter um ambiente de encantamento, surpresa e emoção, no qual enredo e personagens ganham vida, transformando tanto narrador como ouvinte. Deve impregnar todos os sentidos, tocando o coração e enriquecendo a leitura do mundo na trajetória de cada um.

Durante a leitura ou a escuta de uma história pode haver uma variedade muito grande de experiências misteriosas, pois, como afirma Machado (2004, p.71, *apud* Stocker,2022, p.55), quando pequena, a criança conhece muito bem e tem familiaridade com elas: “Tais experiências vão aos poucos construindo árvores em sua floresta interior”. O conto tradicional é também um material fértil para se estudar as funções das palavras e a organização dos elementos que compõem as frases para criar significações.

### **3.2 Indicadores para o sucesso na contação de histórias**

Há várias técnicas para tornar o momento da contação de histórias atrativa. Além dos recursos e estratégias, o contador constrói a sua própria experiência de narrar. No entanto, apropriar-se de algumas dicas faz com que a contação de histórias desperte maior interesse do ouvinte.

Segundo Coelho (2002, p.13). “Nem toda história vem no livro pronta para ser contada”. Nessa perspectiva considera-se que antes de dar início a contação de história com o livro tem que adaptar para ser contada de maneira simples e compreensiva forma verbal com palavras que possa ser entendida e compreendida facilmente.

O ponto de partida é a seleção de história condizente com a faixa etária e que desperte o interesse do ouvinte. No caso da narrativa para as crianças pequenas é necessário respeitá-la as peculiaridades sobretudo o estágio emocional. A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral.

Para Coelho (2002) as faixas etárias servem de referência ao contador. Por exemplo, até aos três anos, a criança encontra na fase pré-mágica, razão sobre a qual deve-se dar preferência, muito ritmo e repetição.

[...] a criança na faixa etária de idade de 3 e 6 anos está na fase mágica e nesta fase, os pequenos solicitam várias vezes a mesma história e a escutam sempre com encanto e interesse”.

Dessa forma a autora corrobora que “é a fase do “conte de novo”. “conte outra vez” (Coelho,2002, p.15-16).

Contar histórias para crianças sempre traz significações, sobretudo, quando se leva em conta o seu universo cultural. Assim, como, geralmente, na fase pré-mágica implica com o domínio da linguagem oral, o contador deve buscar sutilezas para atrair o ouvinte ao universo na narrativa. Por isso, é importante levar em conta o ambiente onde irá contar.

Após escolhida a história, faz-se necessário estudá-la, pois dessa forma adquirir mais familiaridade da mensagem que está passando para o ouvinte e começa a apreciar se divertir e assim possibilitando ao ouvinte essa troca de conhecimentos e de aprendizagens. Para ser contada o narrador precisa introduzir quando acontecer e onde ocorre a história e quem são os personagens.

Durante o conto é substancial existir uma sequência a qual envolve três etapas: antes do conto, durante o conto, e a frase mágica de final. Coelho (2002, p.22) ressalta “a introdução estabelece o contrato inicial com o ouvinte devendo ser enunciada com voz clara, pausada, uniforme”. Dessa forma ocorrendo algumas adaptações e uma breve apresentação antes do início da contação da história. Em seguida vem o enredo, clímax e o desfecho da história.

A música também é uma ótima aliada para complementar na contação de história pois ela vai contribuir para melhor compreensão do que está sendo contado proporcionando o desenvolvimento e a aprendizagem.

As músicas criadas através do conto têm o propósito de contribuir para aprendizagem pois estimula a criatividade leva a imaginação ainda mais longe, promove a concentração e o desenvolvimento do raciocínio.

E como a voz é o principal instrumento do narrador, pois é através dela transmitir as emoções diante da história que está sendo contadas tem entonações diferentes, Coelho (2002, p.51) menciona que “há vários tipos de vozes: sussurrante, adocicada, suave, cálida, eriçada espinheta, metálica [...]”. Neste caso, o narrador tem de se expressar -se numa voz definida, inconfundível, tem de saber modulá-la de acordo com o que está contando, considerando os seguintes aspectos:

Intensidade - O timbre de voz varia na razão direta da distância, de quem fala a quem ouve, varia também conforme a emoção que se quer passar justamente com o ritmo, a inflexão e as entonações.

Clareza - significa boa dicção, correção de linguagem, evitando repetição desnecessárias, os chamados “tiques” de linguagem, os cacoetes (certo? Então aí, entenderam?)(..)

Conhecimento – evidentemente o narrador precisa aprofundar-se nos estudos de literatura infantil, folclore e possuir noções básicas de psicologia evolutiva, para melhor escolher as histórias apreciar os comentários das crianças e avaliar as suas reações. (Coelho, 2002 p.50).

Como se pode observar, o emprego da voz faz-se com que o ouvinte identifique com o narrado. Além disso, do ponto de vista estético, traz harmonia com o corpo, gestos e, com isso, garante a presença a qual garante a compreensão da história por parte do ouvinte.

As histórias ilustradas e cantadas são de grande incentivo e encantamento; para torná-las mais atraentes e fáceis de serem assimiladas, é interessante o uso de música, gravuras, desenhos, bonecos, fantoches e dobraduras, avental que irão atrair a atenção dos ouvintes. Mas também vale observar que o não uso de recursos na hora da contação de histórias faz com que o ouvinte crie no imaginário suas próprias imagens.

Dessa forma assimilando a narrativa da história e criando os cenários os personagens assim participando da história que está sendo apresentada.

**Livro:** É um recurso que tem uma variedade, os infantis de histórias de fadas, fantasia, animais, personagens entre outros. Tem letras, imagens coloridas, assim, atraindo os ouvintes. O livro é um recurso que o contador deve adaptar ao passar ao ouvinte, a criança. Pois por mais fácil e compreensivo que seja, deve haver adaptação se adaptar levando em consideração seu público, a faixa etária. Dessa forma fazendo a contação de forma simples, compreensiva e clara.

O livro no momento da contação da história é usado como um recurso de apoio quando esquecer algo ou simplesmente para dar segurança ao contador. No entanto, antes da contação o contador deve estudar a história internalizar, sentir, pois, na hora da contação passar naturalmente e no momento da contação transmitir ao público.

**Fantoches:** São bonecos chamados de marionete. Os materiais que dão vida a esses bonecos são reaproveitáveis, como: caixas de papelão, garrafa Pet, latas, madeiras, os quais deixam as crianças eufóricas. As pessoas que manipulam não podem aparecer, apenas os bonecos, por isso elas devem ficar atrás de um cenário e pode haver mais de um narrador. Dessa forma, o uso de fantoche incentiva a participação da criança, desenvolve a criatividade, a percepção afetividade e a imaginação.

**A luva:** Os personagens da história podem estar presos na luva ou com velcro para ser colocados ao decorrer do conto. Dessa forma, a contação na luva é contada de forma divertida e leve, além de estimular a percepção visual; tátil.

**A lata:** É um recurso da contação de história que desperta a imaginação, a curiosidade ao retirar os personagens de dentro da lata, durante o conto a criança participa da história. Dessa maneira, demonstrando sua concepção.

**Música:** É um recurso que vem para enaltecer a cena que está sendo retratada, proporcionando um momento de calma de descontração na hora da contação. Além de tornar o ambiente ainda mais harmonioso tornado assim a história ainda mais encantadora e interessante.

A música poder estar presente no início da história quão ao encerrar. Assim contribuindo de forma clara e objetiva.

**Teatro de sombras:** Esse recurso vai abranger diversas figuras podem ser de animais, objetos frutas, verduras, imagens da natureza entre outros. Podem ser manuseadas com as mãos. São confeccionadas com papelão, cubos de papel, pincel, fita adesiva entre outros. A imagens podem ser projetadas com lanternas, através do cubo, projetadas em uma superfície lisa, ou mesmo na parede, com as luzes apagada assim as imagens vão aparecer de forma nítida e clara. Proporcionando na criança encantamento, imaginação, curiosidade, alegria no momento de descobertas das imagens.

Em síntese, contar história exige estudo e preparação, até mesmo, dos contadores experientes. Mas como se conta as histórias diz respeito ao estilo de cada um, à escolha do repertório entre literatura oral ou autoral, à forma e aos recursos utilizados para a apresentação das narrativas.

#### 4 MATERIAL E MÉTODOS

Em face dos objetivos empregou-se um conjunto de procedimentos metodológicos, os quais foram organizados e complementados entre si.

Num primeiro momento, a construção da pesquisa ocorreu de forma exploratória, investigando-se livros e artigos acerca do tema e como as histórias são contadas na Creche. Essa fase inicial foi importante para definirmos a problemática de como a contação de histórias pode contribuir para a formação literária na infância.

Num segundo momento, definiu-se como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. No levantamento bibliográfico envolveu seleção de livros, artigos, revistas e, por conseguinte, leituras e fichamentos. Nas duas primeiras sessões os principais teóricos estudados Cléo Busatto (2013), Bia Brendan (2012), Giuliano Tierno (2010), Regina Zilberman (2005), Sandra de Melo Silva (2022), Tereza Colomer (2007).

No estudo de campo teve como universo a Creche Municipal Nazaré Barros. Para tanto, seguiu-se o cronograma de visita a escola, apresentação do projeto, observações exploratórias, coletas de dados, aplicação das histórias e redação. O público-alvo foram as crianças do turno matutino e vespertino da turma do maternal I A e maternal II A, e nove professores. Os instrumentos de pesquisa foram entrevistas semiestruturadas, composto pelo questionário com 7 perguntas (Apêndice A), observações exploratórias.

Por se tratar de um estudo empírico subjetivo, o método de abordagem aplicado foi o qualitativo. Nesse caso, a análise dos dados não foram quantificáveis, mas qualificáveis. Sendo assim, os objetivos dos tratamentos dos dados foi o descritivo, cuja análise e interpretação foram estritamente relacionados aos estudos teóricos da contação de histórias e a realidade da Creche Municipal Nazaré Barros. Nesse contexto, notou-se haver uma profícua confluência das contações de histórias realizadas pelas professoras e os estudos teóricos, motivo pelo qual direcionamos este estudo para trocas de experiências.

Com isso, a última etapa da pesquisa foi trocas de experiências de contação de histórias. O processo da pesquisa ação ocorreu de forma cíclica: problema, planejamento das contações de histórias, ensaios e aplicação. Como contar história não resume um modelo, mas uma direção que percorre, mas cada contador escolhe o seu estilo.

A forma de como conta é uma prévia que se faz. Desse modo, seguiu-se o roteiro do início, durante a história e ao final da história. A ideia foi abrir a possibilidade de travar o diálogo como a contadora iniciante pode contribuir para despertar o interesse das crianças pelas histórias e, conseqüentemente, pela formação literária.

A escolha das histórias empreendeu um estudo das histórias que as crianças gostam e as que já estavam no roteiro do planejamento das professoras. A partir de então, realizamos a adaptação das histórias lidas para a linguagem da dramaturgia. A partir de então foram feitos os figurinos. Na metodologia envolve um trabalho de intervenção no qual o pesquisador colhe evidências do fenômeno estudado e chega aos resultados.

## **5 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **5.1 Caracterização do universo pesquisado**

A pesquisa de campo foi desenvolvida na Creche Municipal Nazaré Barros, localizada na rua: Ipalmerim, no bairro: Vila Adelaide Cabral, na cidade de Santa Inês, no estado do Maranhão. A instituição atende 221 alunos, na faixa etária de 2 e 3 anos. Sendo 116 no turno matutino e 105 no turno vespertino. O ensino está dividido em duas etapas maternal I, são crianças na faixa etária de 2 anos, maternal II são crianças na faixa etária de 3 anos.

A creche é composta por 8 turmas no turno matutino e 8 turmas no turno vespertino, sendo 4 turmas destinada a maternal I e 4 turmas é destinada maternal II. As aulas são desenvolvidas nos seguintes horários: pela manhã as aulas iniciam as 07:30h e terminam as 11:15h, a tarde inicia as 13:30 e termina as 17:15.

Em seu aspecto físico a instituição possui os seguintes cômodos: 08 salas de aulas, 04 banheiros, 01 refeitório, 01 sala de professores, 01 auditório, 01 brinquedoteca, 01 diretoria, 01 secretaria. O corpo docente é formado pelos seguintes componentes: 01 diretora, 02 supervisoras, 14 professores, 08 auxiliares de professores, 09 cuidadores, 05 vigias, 02 merendeiras, 05 auxiliares de limpeza, 05 agentes administrativos.

## 5.2 Visão dos docentes

Para desenvolver a pesquisa, foi entregue um questionário para todos os professores que lecionam na Creche Municipal Nazaré Barros, que são no total de 14, porém, apenas 09 responderam. O questionário aplicado é composto de 07 perguntas, relacionado a contação de história em sua prática em sala de aula e os saberes que esses professores têm sobre as técnicas e fundamentos da contação de história. Para preservar as identidades das professoras, na descrição que segue, estão nomeadas por letras por ordem alfabética de A, B, C, D, E, F, G, H, I. O objetivo, conforme já dito, é examinar como a contação de história é planejada e aplicada na Educação Infantil, portanto, embora algumas perguntas tenham sido elaboradas com antecedência, elas foram modificadas, a medida em que a conversa ia fluindo. O resultado dessa conversa pode ser conferido a seguir.

### 1 - Para você, O que é um professor contador de história? Você se considera um?

**Professora A:** *É aquele que encanta e desperta a curiosidade e a imaginação das crianças; eu ainda não me considero, mas estou me esforçando.*

**Professora B:** *Uma pessoa que está sempre buscando meios de sensibilizar a criança por meio da fantasia e da imaginação. Levando-as a mergulhar no mundo encantado da literatura. Continuo em processo de formação.*

**Professora C:** *É o profissional que para além do ato de contar histórias, ele tem os objetivos de aprendizagem com a história contada. Sim, a contação de história faz parte da rotina da turma.*

**Professora D:** *O professor contador de história trabalha o lúdico por meio da fantasia e imaginação com expressões envolvendo a criança na história. Sim, me considero.*

**Professora E:** *Sim, pois trabalhamos o lúdico através da contação de histórias também. Um professor contador de história é aquele que dá vida a história através de seus alunos,*

*aquele que permite que a criança use sua imaginação e traduza a história com seu ponto de vista.*

**Professora F:** *Um professor que incentiva a imaginação, que leva os alunos para viajar dentro de histórias, criando um mundo mágico e cheio de aventuras. Sim!*

**Professora G:** *É aquele professor que consegue manter ou permite uma interação com o ouvinte, tornando o momento da contação de história mais envolvente e prazeroso. Estou me empenhando para me tornar uma contadora de história.*

**Professora H:** *Os professores no ato de contar história promovem vivência da infância do lúdico, da humanização e sensibilização. Me considero uma professora contadora de história, pois tento promover tudo isso.*

**Professora I:** *É um profissional da educação que utiliza a narração para transmitir ensinamentos pedagógicos e ensinar conceitos, valores e habilidades que envolvem a socialização.*

As professoras D, E, F, H, reafirmam a importância de que a contação de história faz no imaginário da criança despertando sua imaginação, que é proporcionada pela literatura. Esse posicionamento vai ao encontro de vários pesquisadores sobre o assunto. Para Sylvie Loiseau (1992, p. 11, *apud* Matos, 2014, p.24), “o conto não é apenas uma ocasião de descontração, ele é veículo de conteúdos ricos, que alimentam o imaginário e desenvolve a faculdade de representação”, sendo que a imaginação é a faculdade pela qual o homem conseguiu reproduzir; o imaginário são os territórios da imaginação. De certa forma, quando se conta história para uma criança, é convidá-la para brincar com seus próprios pensamentos.

As respostas das professoras B e C, foi levantado o aspecto que na contação de história pode ser vista como uma forma pedagógica em sala de aula para auxiliar o educador em suas práticas. De certo modo, reconhecem o potencial da contação de histórias para a formação humana.

No que diz respeito se as entrevistadas se consideram contadoras, a maioria respondeu que sim, apenas as professoras, A, B, G disseram está se empenhando ou buscando um curso. Conforme Busatto (2012), há contadores que traz consigo a vocação, mas existem aqueles que busca profissionalizar-se através de cursos de formação. O fato é que, atualmente, os contadores estão em vários espaços, inclusive nas escolas.

Contudo, o que se observa é que o bom contador agrega saberes do narrar e compartilha com o ouvinte. De acordo com Cavalcanti (2004, p. 64, *apud* Stocker, 2022, p.74) “O bom contador de histórias é aquele que nasceu guiado por uma infinita capacidade de doação e, por

isso, esteja onde estiver, em qualquer espaço e tempo, ele estará envolto pela magia de contar histórias”.

## 2 - Quais estratégias você utiliza na hora da contação de história?

**Professora A:** *Fantoches de balões e teatro de sombras.*

**Professora B:** *Varia conforme a história escolhida, eu viso agregar elementos que predam a atenção das crianças, seja num bichinho de pelúcia, na entonação da voz, a utilização de áudios com os ruídos e sons dos animais ou até mesmo algo reciclável. Tendo em vista cativar a todos para a compreensão da história e com isso, que eles passam recontá-la.*

**Professora C:** *No momento da história sempre utilizo música para chamar a atenção, mudo a entonação da voz para diferenciar os personagens e sempre tem diferentes gêneros textuais.*

**Professora D:** *Primeiramente devo estar familiarizado com história, utilizar recursos pedagógicos, a entonação da voz é importante e não ter vergonha e entrar no mundo da fantasia.*

**Professora E:** *Palitoches; dedoches; luva de contação de história; teatro de sombras; etc. A entonação e sempre ficar atento as crianças, se estão compreendendo.*

**Professora F:** *Teatrinho, fantoches, dedoches dos personagens, fantasias, mudanças da voz, músicas, aventais, expressões, faciais, gestos e etc.*

**Professora G:** *Às vezes caracterizamos ou utilizamos recursos de acordo com a história para chamar ou prender a atenção das crianças ou então caracterizamos as crianças com alguns personagens vida história, para que elas compreendam melhor até mesmo se sintam parte da história.*

**Professora H:** *Dramatização, teatro de sombras, fantoches, roda de conversa e músicas, sempre de forma bem lúdica.*

**Professora I:** *É muito importante conseguir a atenção do público infantil então conta muito a variação da entonação vocal, imitando as vozes dos personagens, usar gestos e emoções bastante recursos visuais que chamem atenção. Envolver o público (crianças) na história fazendo perguntas. Deixar o ambiente tranquilo com menos ruídos possíveis. Mostrar empolgação na contação de história.*

Como se pode observar, para as professoras são várias formas de apresentação das histórias, assim como o emprego de recursos. Tais estratégias são meios empregados para atrair

os ouvintes mirim. Segundo Coelho (2002) cada história existe um recurso a ser utilizado e depende qual a forma que o professor se sentirá confortável e ser apropriado para a história escolhida. Na visão Stocker (2022), as várias formas de contar uma história e os recursos que são usados pelos professores e enriquecem o momento do conto.

Já as professoras C e D, destacaram a importância da voz. A voz na contação da história é um instrumento fundamental para dar vida a cada personagem e diferenciá-los, quando o professor sabe introduzir de forma precisa, é um ponto para obter sucesso na sua contação. Coelho (2002) descreve que existe várias formas do contador se expressar por meio da voz, o contador de história precisa ter clareza, conhecimento e a intensidade precisa ser modificada de acordo com cada emoção que está sendo vivenciada no enredo da história.

Portanto, ao que indica, a contação de histórias faz parte da rotina pedagógica das professoras utilizando várias maneiras de apresentação e sempre contam com recursos diversificados.

### **3 - Como a contação de história poderá contribuir na dimensão educativa da criança?**

**Professora A:** *A história ajuda as crianças, de forma divertida, interagir e de expressar.*

**Professora B:** *Ela desenvolve várias habilidades, uma delas a afetividade, pois a criança tem o prazer de ouvir uma história e sempre que tem a oportunidade faz seu relato com o grupo.*

**Professora C:** *Desenvolve habilidades, sentimentos, afetividades, o raciocínio lógico, a criatividade e a imaginação. Além de estimular a oralidade e a escuta das crianças.*

**Professora D:** *Ao contar uma história para uma criança, você desperta nela o interesse pela leitura, estimular sua imaginação, aumenta sua criatividade e ajuda as desenvolver a sua linguagem.*

**Professora E:** *Pode contribuir no desenvolvimento da imaginação, ao seu senso lógico, pensamento crítico e criatividade, além de ajudar a desenvolver a linguagem.*

**Professora F:** *Aprende sobre certo e errado, sobre a história e conteúdo, desenvolver a criatividade, imaginação.*

**Professora G:** *Despertar o interesse pela leitura, desenvolvimento da linguagem, socialização, é importante o desenvolvimento da criatividade, da imaginação e até mesmo o emocional da criança.*

**Professora H:** *Para o desenvolvimento do imaginário infantil, respostas e indagações, enriquecimento do vocabulário, reflexão crítica, respeito ao próximo, incentivo à leitura, a oralidade e a escrita e interação social.*

**Professora I:** *Contribuir na interação social, emocional, afetiva. Ajuda na concentração. Explora os sentidos em diferentes dimensões (cheiros, sons, texturas, entonação da voz). Conhecimento de novas palavras e formas de se expressar.*

Note-se que as professoras enumeram várias contribuições da contação de histórias na formação da criança o que confirma a interlocução com vários autores. Conforme já dito, Busatto (2013) postula que a arte de contar histórias constitui a ponte para ligar diferentes dimensões e conspirar para a recuperação de significados que tornam as pessoas mais humanas. Com efeito, na prática educativa, a contação de histórias, promove o desenvolvimento do imaginário, da criatividade, da linguagem, da leitura etc. Contudo, a questão seria como a contação de histórias poderá contribuir para que a criança possa desenvolvê-las.

De acordo com Stocker (2022), na contação de história há uma relação íntima entre narrador e ouvinte fazendo com que o imaginário se misture numa realidade única e, com isso vivenciar as emoções em parceria com os personagens das histórias, introduzindo, portanto, situações da realidade. Assim, quanto o contador de histórias interage com os ouvintes através da voz e gestos o que acontece? Ora, por meio da palavra vai se desvelando várias imagens em que cada ouvinte penetra na história de modo singular.

#### **4 - Quais as contribuições da contação de história para formação de leitores literários na infância?**

**Professora A:** *Desperta dentro das crianças o senso e a necessidade de está enraizada no mundo literário. Pois na infância é que começa o despertar e a construção para onde ela vai querer caminhar.*

**Professora B:** *É uma atividade essencial para a formação dos leitores, no caso da educação infantil os pré-leitores; aprimorando a escuta, o desenvolvimento cognitivo e provendo uma interação maior.*

**Professora C:** *Permite as crianças a desenvolver o raciocínio lógico, a criatividade e estimula a imaginação.*

**Professora D:** *Ao contar uma história para uma criança, você desperta nela o interesse pela leitura, estimular sua imaginação, aumenta sua criatividade e ajuda as desenvolver a sua linguagem.*

**Professora E:** *A contação se feita de maneira lúdica desperta o interesse e curiosidade da criança, que irá desenvolver o desejo por conhecer cada vez mais histórias e atribuir valores próprios a cada história lida vivenciada.*

**Professora F:** *Causar interesse, concentração, deslumbramento, crianças amantes de histórias, interesse por livros.*

**Professora G:** *Despertar na criança o gosto pela leitura, despertar a curiosidade para descobertas, pois ao ouvir história, de forma lúdica, faz com que as crianças criem um mundo imaginário cheio de aventuras, emoções, ou seja, aguça cada vez mais prazer pela leitura.*

**Professora H:** *A contação de história é uma forma de transmitir conhecimentos diversão, conhecer outros mundos e horizontes, desenvolvendo várias habilidades nas crianças.*

**Professora I:** *Além de apresentar novos “mundos”, estimula a imaginação fazendo com que as crianças sintam vontade de criarem as suas próprias histórias. Auxilia no modo de se comportar aguça a curiosidade e explora novos sentimentos. Compreensão da história “enredo” estimula a vontade de conhecer novos livros.*

Note-se que todas as professoras evidenciaram que a contação de histórias contribui para formação do leitor literário, pois propicia o desenvolvimento da escuta, da imaginação, amplia visão de mundo etc. Segundo Colomer (2007), geralmente, há um reconhecimento de que as leituras de obras literárias propiciam aos estudantes ampliação de mundo, mas nem sempre fica claro haver uma programação de atividades para um itinerário de aprendizagens.

Os professores sentem-se seguros ao afirmar que ler livros com os meninos e as meninas ajuda a que se familiarizem com a língua escrita, facilita a aprendizagem leitora e propicia sua inclinação para a leitura autônoma. Diferentemente, não se entende muito bem que relação pode ter esta atividade com a possibilidade de programar um itinerário crescente de aprendizagens e, em consequência, os professores não costumam estabelecer objetivos concretos de desenvolvimento. (Colomer, 2007, p.33)

A evidência de haver uma programação de itinerário crescente de aprendizagens nas contações de histórias é importante porque há um movimento de contar de novo. Nesse processo existe uma relação de cumplicidade entre narrador e ouvinte. O leitor criança escuta a narrativa, porém ainda não é capaz de fazer uma análise dos detalhes estéticos e adequação literária que, supostamente, o adulto tenha. Mas é perfeitamente capaz de externar a sua percepção, interpretar as figuras sonoras, verbais e visuais. Além disso, o ato de contar história, tal como afirma Brendan (2012) é a capacidade de intercambiar experiência, em que o contar de novo,

propicia o acúmulo de leituras. Ao que indica, na escola pesquisada, professores e crianças são aficionados por contação de histórias.

**5 - Quantas vezes na semana você inseri a contação de história em sala de aula e com qual finalidade?**

**Professora A:** *Em todas as aulas. Com finalidade de despertar o interesse pelos livros e suas imagens, aguçar sua imaginação e criatividade ao participar na contação.*

**Professora B:** *A contação é feita diariamente, com o intuito de levar a criança a criar o gosto pela leitura.*

**Professora C:** *A contação de história faz parte da rotina da turma. Com a finalidade de introdução de temáticas que serão trabalhadas no dia.*

**Professora D:** *A cada semana inserimos uma história nova as crianças e, todos dias contamos essa história de forma formas diferentes e no final realizamos perguntas as crianças.*

**Professora E:** *De 1x na semana, com intuito de atribuir valor ao conteúdo e de contextualizar a temática que estiver abordada.*

**Professora F:** *Todos os dias temos contação de história do livro da semana e uma vez por semana leitura deleite.*

**Professora G:** *Diariamente fazemos leituras, contação de história. Despertar o gosto pela leitura desde cedo, a imaginação, a criatividade, promove a interação, socialização, desenvolve a oralidade a linguagem das crianças.*

**Professora H:** *Nos dias que estou em sala de aula, fazendo reconto a e releituras.*

**Professora I:** *Utilizando uma nova história a cada semana nos planejamentos nos é apresentado um tema central e desse tema montamos nosso próprio planejamento e traçamos objetivos a serem alcançado com o uso daquela história, tudo de acordo com as normas da BNCC é direcionado para a faixa etária de nosso público-alvo que são crianças bem pequenas. Utilizamos histórias extras quando necessário. Por exemplo: quando há casos de mordidas (situação comum nessa idade) utilizamos história que ajudarão as crianças a lidarem com essas situações e emoções.*

As professoras tiveram respostas semelhantes em relação a frequência que a contação de história é feita em sala de aula. Para Abramovich (2005), a contação de história precisa ser rotina na escola. Nesse processo permeiam trocas de experiências e, conseqüentemente, enriquecimento para o contador e o ouvinte.

Contar histórias como uma ação pedagógica é também um estímulo às práticas da leitura. As experiências através das narrativas são fundamentais para a formação de leitores, pois todo ouvinte de uma boa história que lhe toca profundamente a alma faz uma corrida em direção aos livros, sedento de reencontrar neles impressos o sonho, a emoção e o afeto vivenciados anteriormente durante o “narrar-ouvir-criar”. (Bedran, 2012, p.110)

Como se pode observar, ter a contação de histórias na rotina pedagógica enriquece o repertório infância e, com isso, o acúmulo de experiências. Convém ressaltar que o pedagógico implica num trabalho que privilegia a arte narrativa e não apenas a transmissão utilitária pedagógica a qual propõe prioritariamente o uso da linguagem.

**6- Para você, quais as técnicas e saberes que o professor precisa ter ao contar uma história para obter um bom aproveitamento no momento da contação?**

**Professora A:** *Usar imagens coloridas e grande, envolver musicalização, instrumentos musicais e fazer perguntas para as crianças participar no enredo contação.*

**Professora B:** *Conhecer a história, utilizar alguns recursos audiovisual, e a entonação da voz que é imprescindível.*

**Professora C:** *A entonação da voz para os personagens e narrador, conhecer previamente a história, utilizar recursos como fantoches, palitoches, teatros e utilizar músicas.*

**Professora D:** *Primeiramente o professor deve estar envolvido com a história, narrar de forma, lúdico, utilizar recursos pedagógicos.*

**Professora E:** *O principal saber creio que seja o da ludicidade; deve ter técnicas criativas e interativas para cativar a história contada.*

**Professora F:** *Musicalização, fantoches, dedoches, teatrinhos, fantasias e muita gesticulação.*

**Professora G:** *Preparar o ambiente, pois deve ser aconchegante e sem distrações, sempre considerar as expressões e gestos utilizados, entonação ao imitar os personagens, criatividade, utilizar recursos, dramatização para tornar a contação de história mais interessante.*

**Professora H:** *As técnicas de narração interativa, maquete, fantoches, teatrinho e dramatização são algumas das formas de tornar a contação de histórias mais interessantes e envolventes.*

**Professora I:** *Como respondido parcialmente na pergunta 02 é necessário observar a expressão facial e o tom de voz utilizada, os gestos, montar um ambiente legal, utilizar*

*elementos visuais e sonoros escolher histórias de acordo com a faixa etária. Conhecer a história sonoros escolher histórias de acordo com a faixa etária. Conhecer a história.*

Em relação as respostas das professoras, foram múltiplas. Os saberes e técnica que o professor precisa conhecer está relacionado tanto como na sua voz, corpo e saber performático. Como já descrito nesse estudo, a voz é uma ferramenta primordial que precisa ser usada de forma adequada, e o corpo entra em sintonia com a voz, com gestos e conseqüentemente sua performance vai sendo desenvolvida para o professor ter uma boa performance, para Matos (2014), primeiro o contador de história precisa conhecer a história e se apropriar dela e logo então, internalizá-la para poder externalizá-la de forma que atrai atenção do seu público.

O professor precisa preparar o espaço onde vai acontecer a contação, os recursos que serão utilizados, sempre de forma lúdico, escolher a história de acordo com faixa etária, estudar a história para poder contar, escolher a forma como vai apresentá-la, as estratégias são diversas, o contador precisa estar preparado para as interferências. Assim são alguns saberes para uma boa experiência no ato na contação de acordo com Coelho (2002).

## **7- Como é desenvolvido a contação de história na sala de aula?**

**Professora A:** *Usamos fantoches, sombras para contação, usamos musicalização nas histórias e as crianças participam na contação manipulando os fantoches e recontam como observaram.*

**Professora B:** *Depende da história. Cada história requer algo diferente, eu leio a história e vejo o que posso agregar de interessante para prender a atenção do meu público, levando-os a participarem.*

**Professora C:** *A contação geralmente feita na rodinha de conversa, depois da oração e das cantigas.*

**Professora D:** *Realizamos a contação de história no momento da rodinha, através de ilustração, utilizando uma linguagem de fácil compreensão e incentivando a participação das crianças.*

**Professora E:** *Geralmente nos momentos de rodinhas de conversas no início da aula quando as crianças estão mais calmas e atentas.*

**Professora F:** *Todos em rodinha, conta música antes e no final da história.*

**Professora G:** *Diariamente, logo no momento da roda de conversa, que faz parte da rotina da sala de aula, iniciamos a contação, cantando uma música, utilizando recursos*

(fantoques, palitoques etc.). Ou as vezes pedimos para que as crianças façam o reconto da história, incentivando para que elas participem ativamente.

**Professora H:** *Deve ser exposta as crianças em uma linguagem que as mesmas entendam, que seja de forma dinâmica para uma compreensão satisfatória.*

**Professora I:** *A história é escolhida de acordo com a temática central do planejamento. As crianças são colocadas em rodinha, sentadas no tatame ou cadeiras. São utilizados elementos condizentes com história. Caixinha de som para palitoques, teatro de sombras, lanterna, mini bonecos imagens impressas, livros, interação com o público. É solicitado de forma lúdica que as crianças recontem a histórias.*

As professoras foram unânimes em suas respostas quanto o momento que acontece a contação de história em sala de aula, no primeiro momento da aula na rodinha. Esse momento de preparo para receber a história.

Sempre acontece um rebuliço entre as crianças quando a história é anunciada. Todos querem se aproximar do contador. No caso de pouca gente, há as que disputam um lugar no seu colo. A melhor arrumação consiste em sentá-las em semicírculo, numa posição descontraída, onde ouvintes fiquem sentados em cadeiras, mas em certas ocasiões sentam-se no chão. (Coelho, 2002, p.53)

Portanto, a hora do conto é também um momento mágico, pois cria o ambiente para a criança desfrutar da narrativa. É nesse processo que o ouvinte identifica com o narrado e conserva na sua memória.

### **5.3 Compartilhando histórias e formando leitores literários: experiências vivenciadas na Creche Municipal Nazaré Barros**

#### **5.3.1 Observações exploratórias**

O projeto “Contando História e Formando Leitores Literários na Educação Infantil”, foi desenvolvido na Creche Municipal Nazaré Barros, nos turnos matutino e vespertino. Primeiramente foi selecionado uma sala para aplicação do projeto de acordo com cada turno, a sala escolhida foi maternal I A.

Na turma maternal I A, matutino, a faixa etária é de 2 anos de idade, a turma é composta por 15 alunos, sendo 6 meninas e 9 meninos. Tendo duas professoras titular, entretanto, apenas uma professora titular fica em sala de aula, professora Kayra fica segunda-feira, terça-feira e quarta-feira e professora Márcia quinta-feira e sexta-feira, duas cuidadoras e uma professora auxiliar.

Na turma maternal I A, no turno vespertino, a faixa etária são crianças de 2 anos, a turma é composta por 16 alunos, sendo 8 meninos e 8 meninas. Possui duas professoras que exercem a função do educar e do cuidar, porém a professora Kayra assume a sala de aula na segunda-feira, terça-feira e a professora Márcia assume a sala de aula na quarta-feira, quinta-feira e sexta-feira.

A professora Kayra é formada em magistério e exerce a profissão a 7 anos. A contação ocorre todos os dias, pois para a professora a contação de história nessa idade é de suma importância para o desenvolvimento da criança. Em relação a seleção das histórias contadas em sala de aula, são feitas de acordo com o planejamento escolar. Contudo, a professora externou a vontade de selecionar as suas próprias histórias e já estar planejando e criando estratégias para poder criar um acervo de livros infantis que valoriza os sons dos animais e musicalidade na contação de história, alguns livros já estão selecionados como: *É um gato? é um caracol? será uma rã?* A turma tem preferência por histórias cantadas e a professora também, pois tem mais facilidade em poder trabalhar em sala de aula, haja vista que ainda tem dificuldades em trabalhar com histórias contadas.

Durante a primeira semana de julho, foi trabalhado aspecto relacionado a cultura do nordeste, sendo assim, a história que a professora desenvolveu em sala de aula foi “A dona baratinha em cordel”, a forma como foi contada a história foi em teatro de sombras, os recursos usados foram livro gigante em MDF, sino, lanterna, personagens (boi, bode, cavalo, baratinha, sol, cacto, esquilo). Primeiro momento, a professora conversou com as crianças sobre o que iria acontecer naquele momento e aspecto relacionado ao enredo da história, pois dessa forma afirma que é importante preparar as crianças para o momento da contação, pois elas ficam muito ansiosas. Segundo momento, ela iniciou a contação da história, usando a voz, a tonalidade de acordo com cada personagem, as crianças observaram com muita atenção. Terceiro momento, a professora finalizou a contação da história e chamou algumas crianças para recontar a história, as crianças mostram muito entusiasmo e interesse nesse momento. A professora enfatiza que esse momento é muito importante onde a criança é convidada para participar da história.

Como se pode notar há uma ordem sequencial na apresentação da história e o intuito parece ser atrair a criança para a narrativa. O narrar, nesse caso, “será sempre um exercício de renovação da vida, um encontro com a possibilidade, com o imaginário e o desafio de, em todo tempo e em todas as circunstâncias, construir um final que contemple cada leitor/ouvinte.” Stocker (2022, p. 34). Muito embora, a professora afirmar não ser contadora profissional, mas demonstra ter domínio e saberes sobre as técnicas que um contador de história precisa ter para

obter sucesso em sua contação. Possui espontaneidade, tem domínio de voz e sabe utilizar o corpo em consonância com o narrado.

A professora Marcia é formada em pedagogia e está fazendo, pós-graduação em educação inclusiva e atua como professora mais de 10 anos. Em relação a contação de história em sala de aula não ocorre todos os dias, porém nos dias das apresentações, a professora não polpa recursos e performance. Sempre que possível, a professora gosta de se caracterizar com as roupas do personagem no momento que está fazendo a contação. Ela gosta das fantasias que possuem: lobo mal, branca de neve, fada madrinha. Ela revelou o gosto que tem em fazer os recursos visuais para sua contação de matérias recicláveis.

Em relação a seleção das histórias, a professora adota o proposto no planejamento da escola, porém, sempre busca selecionar outras de suas preferências. As histórias contadas em sala de aula têm outras finalidades também, é uma ferramenta pedagógica para ensinar as crianças.

Uma das contação que a professora utilizou em sala de aula para trabalhar a história da baratinha foi através da leitura do cordel. A apresentação tinha intercâmbio entre palavras e imagens. A professora lia o cordel e mostrava as imagens de acordo com os personagens que ia aparecendo e colocava o som dos animais na caixa de som para crianças reconhecesse os sons dos animais, as crianças mostraram interesse em participar da contação. Entretanto, nas histórias lidas as interações não eram as mesmas quando a professora utiliza a forma contada com apoio de recursos tais como: fantoches, fantasia, aventais entre outros.

Contudo, foi possível observar que as contações de histórias têm poder de influenciar a formação literária, pois através das narrativas as entra em contato com novos vocábulos e com as linguagens: sonoras, visuais e verbais. Em virtude de a estrutura da narrativa ter início, meio e fim das narrativas auxilia a criança na elaboração de suas próprias histórias.

As trocas de experiências com as professoras nos proporcionaram desafios, entre os quais a responsabilidade de atender as expectativas das crianças e das professoras. A seguir relataremos como foi o processo vivenciado como contadoras de histórias principiantes.

### 5.3.2 Histórias contadas

#### **História da Dona Baratinha**

Enredo: Dona baratinha” encontra uma moeda no chão e pensa logo que estava rica e já estava pronta para se casar e no decorrer da história vai aparecendo os animais que quer casar

com dona baratinha por exemplo, boi, cavalo, porém ela tem um sono muito leve e quer conhecer primeiro os sons que os animais fazem. No final encontra o senhor baratão e casa com ele.

Recursos: avental, sino, papelão para confeccionar as asas da dona baratinha, batom, laço, animais feitos de E.V.A, máscaras, pandeiro.

**Início da história:** Implica na criação de um ambiente mental em que o(a) contador(a) faz antes de contar a história tais como: era uma vez...em um reino bem distante etc. Na história Dona baratinha iniciamos com a música:

*E agora minha gente  
uma história vou contar  
uma história bem bonita  
todo mundo vai gostar  
rê, rê, rê  
rá, rá, rá*

**Durante a história:** Trata-se do momento da contação da história. O emprego da performance com foco na voz, no olhar e nos gestos fazem com que a interatividade ocorra de maneira mais efetiva. É um momento em que a criança identifica com o narrado. Os risos e as imitações são as primeiras manifestações. O berro do boi, do bode, do gato as crianças imitavam os sons dos animais e soltavam gargalhadas com a negativa de Dona baratinha aos pretendentes. Algumas crianças emitiam suspense: com quem será que Dona baratinha vai casar-se? Como será o casamento? A criança não apenas acompanha a história, como também emite emoções e sentimentos enquanto ouve.

Como diz Busatto (2011) o contador captura o seu ouvinte e envolve nas imagens da narrativa. “O narrador lança as imagens no ar e o ouvinte a transforma na sua história, ancorado pelo seu imaginário e pela sua própria história de vida para construir personagens, situações e ações” (Busatto, 2011, p. 101). É de fato o que ocorre, a criança forma imagem do gato que mia e o imita. A imaginação é tida como energia organizadora, ou seja, a imagem surgindo para iluminar a própria imagem, conforme afirma Bachelard (2000 *apud* Bedran, 2012). Há um desejo da criança para ver como será o final da história. Esse estímulo, caracteriza como uma forma de aprendizagem, cuja fonte provém da imaginação.

**Final da história:** No final da história é uma retomada do início. Após o desfecho cantamos uma música:

*E agora minha gente  
Que a história terminou*

*Batam palmas bem contentes*

*Batam palmas quem gostou*

*He He He tralalá*

*He He He tralalá*

Após finalizarmos a história travamos a conversa com as crianças. Geralmente, lançamos a pergunta: Quem gostou dar o berro do bode? Querem ouvir outra história? Como o olhar da criança emite o desejo de querer pegar na personagem deixamos à vontade para explorar. Mesmo sabendo que a personagem é uma fantasia, a criança também quer se caracterizar e imitar as ações da Dona Baratinha. Para tanto, emite domínio de leitura visual ao descrever as características da personagem e emprega muito bem a linguagem sonora.

À educação literária fica por conta do acúmulo das experiências. Observou-se que a criança memoriza a história e constrói o seu próprio repertório, cujo itinerário ocorre pelas ações contínuas das leituras que, a princípio ocorre de forma oral. A criança conta ao seu modo e atribui sempre uma justificativa para o que ouve e vê. E quando gosta da história pede outra. Como diz Privat (2001, *apud* Colomer 2007), o leitor é similar ao pescador, aprende ler experimentado certas técnicas e, progressivamente, vai navegando em correntes cada vez mais abundantes. Quanto mais socializa, maior é o repertório.

Figura 1- Contação da História da Dona Baratinha





Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

### História da Galinha Ruiva

**Enredo:** A história narra uma galinha ruiva que morava em uma fazenda com os seus pintinhos certo dia ela encontrou umas espigas de milho, então ela teve a ideia de fazer um delicioso bolo de milho, mas para fazê-lo, iria precisar de muitos milhos. Quem poderia ajudar a galinha a colher descascar, moer e bater toda a massa do bolo? Então ela resolveu pedir a ajuda para seus amigos, como: o gato, vaca, cachorro, porco, porém cada um não ajudaram, falaram que tinha algo para fazer e deram desculpas. Então ela resolveu fazer sozinha, colheu os milhos, descascou, moeu e bateu toda massa do bolo. Ela colocou no forno para assar quando estava pronto com o cheiro delicioso que se espalhou, foram chegando todos os animais e seus pintinhos para comer o bolo, então a galinha falou que para ajudar ninguém quiseram ajudar. Fez tudo sozinha, mas como a galinha era bondosa decidiu compartilhar o bolo de milho com todos seus amigos.

**Recursos:** E.V.A, papelão, fita avental, pandeiro e caracterizamos de galinha ruiva e do pintinho.

**Início da história:** Iniciarmos a contação com a mobilização na sala de aula, com as crianças cantamos músicas, em seguida foi falado qual era a história, nesses momentos as crianças participaram falando personagens que achava que teria na história.

*La na montanha tem uma casinha,  
Toda enfeitadinha, cheia de florzinha,  
La na casinha em cima da montanha,*

*Mora a menininha que gosta de historinha.  
 Quem quiser ouvir, o que agora eu vou contar,  
 Suba na montanha e fiquei quieto assim*

**Durante a história:** Em seguida foi momento da contação onde foi narrado a história da galinha na fazenda e ao decorrer os personagens iria surgindo como : o gato , vaca, conversava com a galinha ruiva e em seguida era colocado os animais no livro pois tinha os cenários, os locais onde cada cena ocorria como, por exemplo, o gato, a vaca foi colocado na cena onde estava a imagens da fazenda, o cachorro já estava próximo de sua casinha, o pato era colocado na imagem onde estava o lago, o porco onde tinha uma poça de lama e no final onde todos se reunia perto da cozinha onde estava o forno transmitida.

Segundo Coelho (2002 p.16) na fase pré-mágica as crianças têm interesses a histórias de animais, objetos entre outros. As histórias devem ter enredo simples vivo e atraentes contendo situações que aproximam o mais possível da vida da criança de sua vivência afetiva e doméstica de seu meio social de brinquedos, animais que a rodeiam humanizados. Assim ela pode integrar-se no lugar em que os episódios narrados ocorrem.

**Final da história:** Foi feito a retomada da história e encerrado com uma música.

*E agora minha gente  
 Que a história terminou  
 Batam palmas bem contentes  
 Batam palmas quem gostou  
 He He He tralalá  
 He He He tralalá*

Após o final da história, deixamos disponíveis os recursos para as crianças. Foi um momento em a criança assume a função de contador. Depois de caracterizadas, elas escolhiam um animal para poder fazer a imitação do som, assim participavam da história. Conforme Rodari (2003, p.51) “A atividade rende imensamente se a usarmos para proporcionar situações agradáveis à criança, fazer realizar feitos memoráveis.” Notou-se que a interação da criança com os personagens da narrativa favoreceu as relações entre o eu e o outro. Cada um queria imitar um animal, mas respeitando a vez do outro. O lúdico fica por conta das gargalhadas e do brincar com os personagens. O senso crítico implicou nos questionamentos sobre dividir o bolo com quem não ajudou fazer. Mas houve concordância com a ação bondosa da galinha ruiva.

Figura 2- Contação da história Galinha Ruiva



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

### História da Branca de Neve e os Sete Anões

**Enredo:** A história narra as aventuras de uma bela jovem chamada Branca de Neve, que é perseguida por sua madrasta invejosa por sua beleza. Após várias tentativas para matá-la sem sucesso, a rainha má chega na casa dos sete anões e envenena Branca de Neve com a maçã. No final é salva pelo príncipe e casa-se com ele.

**Início da História:** Para dar início a contação, foi apresentado o nome da história que seria contada, e em seguida cantamos uma música de abertura para iniciamos a contação:

*Com sapatos de veludo*

*Nesta sala eu vou entrar*

*É a hora da história*

*Vamos todos escutar.  
 Todos, todos sentadinhos  
 Na rodinha sem falar  
 É a hora da história  
 Tia Ana, tia Julci  
 Vão contar.*

**Durante a história:** Trata-se do momento da contação. Os saberes do corpo, voz e performático são inseridos na contação, proporcionando um momento muito divertido que contou com a participação das crianças, foi quando apareceram os setes anões, a cada anão que foram surgindo e os seus nomes eram ditos, as crianças demonstravam com imitações, gestos e sentimentos, por exemplo, o anão zangado elas faziam caras de zangado, o anão feliz elas faziam cara de feliz e assim representaram os nomes dos setes anões: Dunga, Zangado, Mestre, Dengoso, Soneca, Atchim e Feliz.

Para Stocker (2022), a performance do contador de história que irá traçar os rumos de como essa contação vai despertar o interesse no seu público de ouvir, “Quem conta uma história empresta seu corpo, voz e afetos ao texto que narra, cria imagens no ar materializando o verbo e se transformando” (Stocker, 2022, p.65-66). Sendo assim, o professor contador, vai ser o responsável em fazer essa mediação entre a história e as crianças, e com agradável essa história vai ser para seu público, uma vez que, ele é o principal responsável na condução da história.

Matos (2014) apropriar-se de uma história é posá-la de si mesmo; de voz, é deixar-se aguçado e todo o corpo possa naturalmente comunicá-lo pelos gestos, expressões faciais e corporais, entonação de voz, ritmo. Desse modo, ao contar a história o corpo, os gestos, as expressões facial devem estar em harmonia e em sintonia com a voz pois dessa forma despertando as emoções vai ter êxito na contação de história.

**Final da história:** No final da história foi feita retomada da história. Logo em seguida encerramos com uma música:

*Essa é a história  
 Ela entrou pela uma porta  
 E saiu pela outra  
 Quem quiser mais uma  
 Que conte outra*

Após finalizamos a história foi um momento que deixamos o espaço aberto para os diálogos com as crianças, sobre os acontecimentos na história, momento de elas explorarem e ter contato com os recursos utilizados na história. Trata-se de um momento em que as crianças contam a versão da sua história e também representam.

Figura 3- Contação da história da Branca de Neve



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

### **História de Cachinhos Dourados e os Três Ursos**

Enredo: Uma menina chamada Cachinhos Dourados passeando floresta ver uma casinha onde morava uma família de ursos papai urso, mamãe urso e bebê urso, ela resolve entrar ao entrar ver umas tigelas de mingau uma grande do papai urso, uma média da mamãe urso e uma pequena do bebê urso. Ela resolveu provar da grande e acha muito quente, da média muito fria, da pequena morninho e delicioso e, em seguida resolveu descansar na cama de um dos ursos e pegou no sono. A família percebeu que tinha alguém na casa e entrou sem permissão. Após as

gritarias dos ursos, a Cachinhos Dourados acordou assustada com tantos ursos. Ela achou que eles iriam atacá-la e saiu correndo. Se não fosse o papai urso ela teria se espatifado lá embaixo.

Recursos: avental, fita, personagens de E.V.A, pandeiro.

**Início da história:** A história iniciou com apresentação do nome. Em seguida foram feitas perguntas relacionadas com o contexto da história dado apresentação da história foi feito a chamadinha com uma música:

Com sapatos de veludo  
 Nesta sala eu vou entrar  
 É a hora da história  
 Vamos todos escutar.  
 Todos, todos sentadinhos  
 Na rodinha sem falar  
 É a hora da história  
 Tia Ana, tia Julci  
 Não contar.

**Durante a história:** Com o decorrer dos fatos que ia acontecendo, a voz foi um instrumento fundamental que utilizamos para diferenciar cada personagem, despertando atenção das crianças, o personagem do papai urso tinha na tonalidade da voz grossa, bebê urso o tom mais baixo e infantil e mamãe urso feminina. Compreende-se para a contação história chamar atenção das crianças é preciso conhecer as técnicas para poder usar a tonalidade da voz.

Para Coelho (2002, p.51) o narrador tem de expressar-se numa forma definida inconfundível, tem de saber modulá-la de acordo com que está contando considerando alguns aspectos a intensidade, clareza e conhecimento. Assim contando com naturalidade e transmitindo as emoções de forma espontânea.

**Final da história:** Ao concluir a contação foram feitas perguntas como: quantas tigelas, cadeiras e camas tinha nas cenas, e assim íamos recapitulando a história.

*Essa é a história*  
*Ela entrou pela uma porta*  
*E saiu pela outra*  
*Quem quiser mais uma*  
*Que conte outra*

A história da “Cachinhos Dourados e os Três Ursos” foi contada no avental, o cenário onde se passou a história foi bem lúdico, o avental abria-se e mostrava os cômodos da casa de acordo com o enredo da história como a casinha, a cozinha onde estava as três tigelas de mingau, a sala com as três cadeiras e o quarto com três camas e os personagens a cachinhos dourados e os três ursos.

Notou-se que a história ouvida favorece o desenvolvimento da escuta e da fala, além de fazer reflexão sobre o comportamento humano como o entrar na casa “sem permissão”. Portanto, as narrativas contadas agem sobre o desenvolvimento humano em todos os aspectos.

Figura 4- Contação da história Cachinhos Dourados



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

### A Cesta de Dona Maricota

Enredo: Dona Maricota foi a feira e comprou várias verduras, legumes e frutas e depois guardou na geladeira e no armário e saiu para descansar um pouco. E enquanto Dona Maricota descansava, em seguida os legumes, frutas e verduras começaram a contar vantagens cada um

foi falando que era melhor que a outra, o milho falou que era o mais belo, laranja tem vitamina, espinafre ferro, cebola boa para o coração e assim por diante. Dona Maricota volta do seu descanso e com as deliciosas frutas faz uma compota e das verduras e legumes um delicioso sopão.

Recursos: imagens de frutas, verduras e legumes, palitoches, pandeiro, fita, cesta avental, a caracterização de Dona Maricota com avental, óculos e todas as histórias.

**Início da história:** A culminância do projeto foi com a história “A Cesta de Dona Maricota”, nesse momento foi feito o cenário com todos os recursos utilizados na contação de história na sala que escolhemos para aplicação do projeto em seguida foi reunidos todas as turmas no pátio para ouvir a história. Iniciamos cantando algumas músicas com pandeiro.

*Vai começar a história*

*Vai começar a contação*

*Se prepara minha gente*

*Abra o seu coração*

**Durante a história:** Em seguida foi feito perguntas como: Qual era a história? Quais seria os personagens? Qual fruta preferida? Mostravam as imagens de cada frutas e legumes e verduras, e assim, as crianças interagiam e davam suas opiniões.

Coelho (2002, p.47- 49) de acordo com a temática da história sempre deve ter uma conversa antes. Dessa forma, as crianças têm mais familiaridade com a história. E assim causa curiosidade e despertar a imaginação da criança a pensar quais são os personagens e a história que vai ser contada e assim participando, “Uma conversa informal estabelece, portanto, a empatia indisponível e ainda permite ao narrador conhecer melhor as crianças, além de dar-lhes oportunidades de falar”.

**Final da história:** foi retomada a história e encerrada com uma música.

*E agora minha gente*

*Que a história terminou*

*Batam palmas bem contentes*

*Batam palmas quem gostou*

*He He He tralalá*

*He He He tralalá*

O final da história abre janela para conversação. Nesse momento é que percebemos como as narrativas contadas promovem a aprendizagem da criança. A criança compreende o contexto. Ao perguntar qual os sabores das frutas e quais as verduras que gostavam as crianças associavam com o lanche da escola e o que come em casa. Algumas disseram que gostam mais de doces e salgadinhos e logo, adentrou-se na questão da alimentação saudável. Portanto, uma contação de história é valiosa no âmbito escolar. Além do estético, a narrativa abre janela para explorar conhecimentos interdisciplinares.

Figura 5- Culminância do projeto



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

Em síntese, foram momentos enriquecedores a cada contação foram ensinamentos e aprendizados para nós. Nos sentimos acolhidas por cada funcionários da Creche, em especial pelas professoras da turma maternal I, que nenhum momento nos tratou com indiferenças, pelo contrário, sempre com muito respeito e prestativas, reconheceram a importância do nosso o

projeto de contação de história ser aplicado em suas turmas. Sendo que a contação de história faz parte de suas vivências em sala de aula.

Pela diretora, que de forma prestativa sempre contribuía com as perguntas e nos deixava à-vontades para podermos aplicar o projeto, pois compreendia a importância que traria para creche.

A nossa participação na creche foi recebida de forma tão positiva que a diretora nos chamou para participar da amostra científico-cultural que a Secretaria de Educação realiza com a Educação Infantil, organizado no Parque da Juventude. O evento foi dividido em dois momentos, a exposição das atividades que as crianças produziram, feitas em sala de aula como por exemplos, objetos feitos de argila, pinturas, brinquedos educativos feitos de materiais recicláveis, cordéis entre outros. O tema da Creche Municipal Nazaré Barros na mostra científico-cultural era cordel infantil. Fizemos a exposição dos nossos recursos de contação de história como os aventais da história de dona baratinha, a cesta de dona Maricota, galinha ruiva, cachinhos dourados e os três ursos, luva da história dos três porquinhos, personagens do chapeuzinho vermelho feito de feltro, maquete da casa de dona baratinha, maleta da história de Branca de Neve, livro ilustrativo feito de E.V.A da história da galinha ruiva entre outros. Segundo momento, cada creche traria uma contação de história; participamos com as professoras da creche da apresentação de uma história dramatizada, foi um momento gratificante.

Nos sentimos honradas e feliz em saber que nosso projeto contribui com as práticas pedagógicas da creche.

Figura 6- Participação na Mostra Científica-Cultural





Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

## 6 CONCLUSÃO

A motivação pela escolha do tema contação de histórias deu-se pelo impulso de sair da condição de ouvinte para contadora. Com efeito, encontramos na academia essa oportunidade o qual foi alimentado pela problemática dos baixos índices de leitores no Brasil e de como a contação de histórias poderá contribuir na melhoria desses indicadores, uma vez que ela promove a educação literária desde a infância. Com isso, o objetivo deste estudo foi investigar como a contação de histórias promove a formação do leitor literário, visando propor trocas de experiências na Educação Infantil.

No âmbito da pesquisa bibliográfica, chegou-se ao resultado de que, a contação de história é uma arte milenar oriunda da cultura oral e permanece viva na cultura escrita preservando o modo de transmissão e a finalidade humanização. Os contadores contemporâneos espelham nos saberes e técnicas dos contadores tradicionais tais como: a performance, a entoação e a voz e enriquece com outros recursos. O resultado é que para atrair o ouvinte crianças, o contador contemporâneo retira da sua cartola várias estratégias como o uso dos fantoches, avental, palitoches, entre outros. O contar envolve criação, dar vida aos personagens, compartilha experiências e visão de mundo. É uma relação de mão dupla, pois o ouvinte não só memoriza a história, como também incorpora a arte de narrar. Nesse contexto, desenvolve o imaginário, a linguagem, a criatividade e a formação leitora.

Ao aprofundarmos a contribuição da contação de histórias para a formação do leitor literário, chegou-se apreensão de que a leitura das obras literárias vai além do ensino da linguagem. O leitor é um sujeito aficionado por leituras, tal como o pescador em pescar. No início, a leitura da criança ocorre através do oral e à medida que vai dominando o código escrito, apropriar-se de novas técnicas. As experiências vão progredindo e, com isso, navega em águas mais profundas da leitura. Nesse processo, torna relevante a escola ter um programa de itinerários de leitura literária. A contação de história favorece a educação literária, porque o contador estabelece uma relação de cumplicidade com o ouvinte perante a obra narrada. Abre as portas ao imaginário, para a criatividade e para futuras leituras. O bom da história é a repetição do contar novamente.

Na pesquisa de campo, compartilhamos experiências de contação de histórias com as professoras que, mesmo não sendo contadoras profissionais, tem disponibilidade para contar. Elas criam o seu repertório e o seu estilo, possuem técnicas corporais, ritmo e voz as quais são vida a narração. Contar implica preparação, estudos e trocas de experiências e o convívio com as professoras contadoras foram gratificantes para penetrarmos no

universo mágico da arte de contar histórias. É mágico, porque implica numa atmosfera lúdica, onde a fantasia se manifesta.

Em suma, os estudos, as vivências e as experiências propostas na Creche Municipal Nazaré Barros foram contundentes para comprovação da importância da contação de história na educação infantil para formação do leitor literário. A cada contação de história era um momento de trocas e encantamento, permitindo uma verdadeira viagem no mundo da literatura, a atenção das crianças no momento da contação era perceptível e a curiosidade a cada momento era pertinente.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fany. **Literatura infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo, Scorpions, 2003.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Pensamento e Ação no Magistério: Literatura Infantil Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Scipione, 2005.
- BEDRAN, Bia. **A arte de contar histórias: Narrativas orais e processos criativos**. 1. ed. [S.l.]: Nova fronteira, 2012.
- BENJAMIN, Walter. **O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. Trad. Maria José de Carvalho. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar: Pequenos segredos da narrativa**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 9-123.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CAFÉ, Ângela Barcellos. **Princípios e fundamentos para o contador de histórias aprendiz**. 1.ed. Chiado Brasil, 2020.
- CALVINO, Ítalo, multiplicidade In: **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: companhia das Letras, 1990.
- COELHO, Betty. **Contar Histórias: Uma arte sem idade**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2002. p. 7-78.
- COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: A leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandroni 1. ed. [S.l.]: Global, 2007.
- DOHME, Vania D'Angelo. **Técnicas de contar histórias, 2: um guia para os adultos usarem as histórias como um meio de comunicação e transmissão de valores**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- GOV.BR. **Divulgados microdados do Saeb**. Disponível em: [www.gov.br](http://www.gov.br) . Acesso em: 23 fev. 2024.
- GOV.BR. **Sistema de avaliação da Educação Básica (Saeb)**. Disponível em: [www.gov.br](http://www.gov.br) . Acesso em: 23 fev. 2024.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil - edições**. Disponível em: [www.prolivro.org.br](http://www.prolivro.org.br) . Acesso em: 23 fev. 2024.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do Contador de História: Sua dimensão educativa na contemporaneidade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martin Fontes, 2014.

MEC.GOV. **Educação é a Base- MEC**. Disponível em: <http://portal.Mec.gov.br>. Acesso em 15 jun.2024.

MORAES, F. H. N. M. T. M. R. **Contação de Histórias: Tradição, poética e interfaces**. 1. ed. São Paulo: Sesc, 2015. p. 2-543.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. São Paulo: Papyrus, 1998.

PALO, Maria José Gordo; OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte de. **Literatura infantil – voz de criança**. São Paulo: Ática, 2006.

PNE.MEC.GOV. **Plano Nacional de Educação**. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br> . Acesso em 3 mai. 2024.

RODARI, Gianni. **Gramática da Fantasia: Introdução ao Uso Criativo da Imaginação Infantil**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003. p. 51.

SILVA, Sandra de Melo. **A formação do leitor literário juvenil: uma proposta de diálogo entre verbal e o visual**. São Paulo: Dialética, 2022.

STOCKER, Claudia. **O incentivo à leitura por meio da arte de contar histórias**. 2.ed. Curitiba: Appris, 2022.p.1-87.

TIERNO, Giuliano. **A arte de contar histórias: abordagens poética, literária e performática**. São Paulo: Ícone, 2010.

ZILBERMAN, Regina. **Como e porque ler: Literatura infantil brasileira**. 1. ed. [S.l.]: Objetiva, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e Nomadismo**. Cotia-Sp: Ateliê editorial, 2005.

**APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS PROFESSORES**

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

**QUESTIONÁRIO**

01-Para você, O que é um professor contador de história? Você se considera um?

---

---

02-Quais estratégias você utiliza na hora da contação de história?

---

---

03 -Como a contação de história poderá contribuir na dimensão educativa da criança?

---

---

04 -Quais as contribuições da contação de história para formação de leitores literários na infância?

---

---

05 -Quantas vezes na semana você inseri a contação de história em sala de aula e com qual finalidade?

---

---

06 - Para você, quais as técnicas e saberes que o professor precisa ter ao contar uma história para obter um bom aproveitamento no momento da contação?

---

---

07 – Como é desenvolvido a contação de história na sala de aula?

---

---

## APENDICE B- FICHA PARA RECONHECIMENTO DE CAMPO DO PROJETO

### 1. Caracterização da Creche

Creche	
Endereço	
Bairro	
Telefone	
E-mail	
Diretor	
Formação	
Coordenador	
Formação	

### 2. Funcionamento da Creche

<b>TURNO</b>	<b>HORÁRIO</b>		<b>Nº TURMAS</b>	<b>FAIXA ETÁRIA</b>
Matutino				
Vespertino				

### 3. Profissionais que trabalha na escola e suas funções.

<b>PROFISSIONAIS</b>	<b>Nº TURNO MATUTINO</b>	<b>Nº TURNO VESPertino</b>
Diretor		
Coordenador		
Professores		
Auxiliares de professores		
Serviços gerais		
Cuidador		

Alunos		
Vigia		

### 5. Estrutura da Creche

ESPAÇOS	Nº
Salas	
Banheiros	
Refeitório	
Sala de professores	
Auditório	
Biblioteca	
Diretoria	
Outros	

### 4. Observações

---



---



---



---



---



---



---



---

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Diretor (a)